



**INSTITUTO FEDERAL**

Rio de Janeiro  
Campus Mesquita

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro  
(IFRJ)**

**Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação**

**Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica  
(ProfEPT)**

**O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL: Um estudo sobre o conceito de Trabalho e suas  
implicações na vida em sociedade.**

Mesquita - RJ  
2021

SHEILAYNE CARNEIRO DA SILVA

**O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:  
Um estudo sobre o conceito de Trabalho e suas implicações na vida  
em sociedade.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Chrystian Carlétti

Mesquita - RJ  
2021

S586e

Silva, Sheilayne Carneiro da.

O ensino da sociologia e a educação profissional: um estudo sobre o conceito de trabalho e suas implicações na vida em sociedade. Rio de Janeiro: Mesquita, 2021.

87 p.

Artigo (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) – do Programa de Pós- Graduação do IFRJ / Campus Mesquita, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Chrystian Carletti.

1. Trabalho. 2. Educação Profissional. 3. Conceito de trabalho.  
4. Sociologia do trabalho. I. Silva, Sheilayne Carneiro da. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

Artigo/IFRJ/CMesq ProfEPT/PG

Acervo Campus Mesquita  
Ficha catalográfica elaborada por  
Marcos F. de Araujo.  
CRB<sub>7</sub> / 3600.

SHEILAYNE CARNEIRO DA SILVA

O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: Um estudo sobre o conceito de Trabalho e suas implicações na vida em sociedade.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 25 de agosto de 2021.

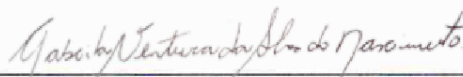
COMISSÃO EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Chrystian Carlétti

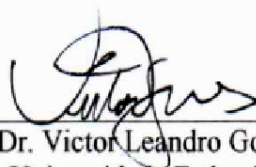
IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro  
Orientador.



---

Prof. Dra. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento

IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro



---

Prof. Dr. Victor Leandro Gomes Chaves  
UFF - Universidade Federal Fluminense

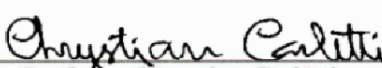

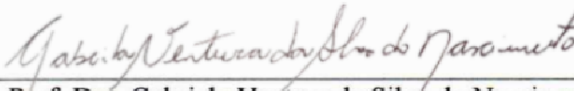
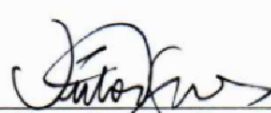
SHEILAYNE CARNEIRO DA SILVA

O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: Um estudo sobre o conceito de Trabalho e suas implicações na vida em sociedade.

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 25 de agosto de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

 Prof. Dr. Chrystian Carlétti IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro Orientador.	 <small>Documento assinado digitalmente CHRYSIAN CARLETTI Data: 04/11/2021 16:23:15-0300 Verifique em <a href="https://verificador.iti.br">https://verificador.iti.br</a></small>
 Prof. Dra. Gabriela Ventura da Silva do Nascimento IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro	
 Prof. Dr. Victor Leandro Gomes Chaves UFF - Universidade Federal Fluminense	

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado fôlego e resiliência para concluir mais esta etapa acadêmica, que foi a mais desafiadora de todas.

Ter nascido em uma família constituída sobre as bases sólidas do amor foi elemento crucial para minha trajetória pessoal e profissional. Assim, não posso deixar de agradecê-los; em especial aos meus primeiros professores – meu pai, Guaracy, e minha mãe, Nelzita – por todo amor, dedicação, apoio e incentivo. Se cheguei até aqui, foi graças a todo suporte e confiança que recebi desde a mais tenra idade. Foram eles que me ensinaram as lições mais importantes, as quais carregarei por toda a vida, dentre elas a de mensurar a real importância da Educação. Tenho muito orgulho de ser fruto da união das duas pessoas mais incríveis que pude conhecer.

À minha irmã, Sheila, à minha avó Dolores, à minha tia Nelza e aos meus sobrinhos Rute, Marcos, Matheus, Nycollas e Ester. Sem vocês, a vida não teria graça, doçura e amorosidade.

Ainda reconhecendo a sorte dos encontros, agradeço àqueles que tornaram o trajeto acadêmico percorrido até aqui menos pesado porque estavam ao meu lado: José Roberto Nascimento, Jeniffer Rangel, Thaís Vidal, Thábata Ribeiro e Yasmim Carvalho.

Ao meu orientador, professor Chrystian Carlétti, por sua disponibilidade, generosidade e compreensão. Em meio à disputa de egos comumente identificada na academia, encontrar alguém tão desprendido dessas mazelas é de uma sorte sem par.

Aos professores Gabriela Ventura da Silva do Nascimento (IFRJ) e Victor Leandro Chaves Gomes (UFF), por tão gentilmente terem aceitado compor tanto a banca de qualificação quanto a banca examinadora. A colaboração de ambos foi de importância incalculável para que este trabalho pudesse ser realizado. Às professoras Maylta Anjos e Beatriz Brandão por aceitarem de maneira tão atenciosa compor a banca examinadora suplente. Estendo minha gratidão a todos os docentes do IFRJ, que partilharam de maneira tão generosa seus saberes; em especial, à professora Alda Maria, por demonstrar que é possível que o exercício da docência seja sempre dotado de paixão. Por fim, aos discentes que aceitaram participar da pesquisa e também aos colegas que comigo fizeram parte da primeira turma de Mestrado do ProfEPT. As ideias e experiências compartilhadas foram especiais e as guardarei para sempre.

O dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando (...) exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. (Freire, 2013, p. 63)

## RESUMO

Este artigo tem por objeto a abordagem do ensino da Sociologia no Ensino Integral, mais precisamente, em turma do curso de Administração com ênfase em Empreendedorismo ofertado por instituição escolar ligada à Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). Buscou-se compreender qual é a percepção dos discentes que estão cursando o Ensino Médio a respeito do Trabalho para que, a partir desta, pudesse ser elaborado meio possível para contribuir com processo educacional que vislumbre uma formação mais crítica, que vá ao encontro da perspectiva da Educação integral, partindo do conceito de Trabalho e suas implicações na vida em sociedade. Esta produção tem sua relevância legitimada na importância dada pela educação integral à busca pela constituição da formação de um profissional completo, sem deixar de observar as suas múltiplas capacidades, inclusive no tocante à criticidade em relação ao papel que exerce na sociedade. Analisando os resultados da pesquisa, este propósito foi alcançado. Para tanto, as metodologias utilizadas foram: Grupo focal e análise de conteúdo. O Produto Educacional refere-se a uma Cartilha sobre o conceito Trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho. Educação Profissional. Conceito de Trabalho. Sociologia do Trabalho.



## **ABSTRACT**

This paper aims to analyze the approach of Sociology teaching in full-time education, more precisely, at a class of a Business Administration program with an emphasis on Entrepreneurship provided by a high school within the scope of the Rio de Janeiro State Department of Education (SEEDUC). Our purpose was to grasp how high school students perceive the Work and use their input as a means to develop a piece of educational material that would be able to contribute to critical thinking and would meet the needs of full-time education, stemming from the concept of Work and its implications for life in society. This article legitimates its relevance based on the importance given by full-time education to the training of a well-prepared professional, without failing to observe their multiple capacities, including the critical thinking in regard to their role in society. Analyzing the research results, this purpose was achieved. Accordingly, the research methods employed here were as follows: focus group and content analysis. The piece of educational material means a booklet on the concept of Work.

**Keywords:** Work, Professional education, Concept of work; Teaching sociology.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

IFRJ - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro

MEC - Ministério da Educação

OMS - Organização Mundial da Saúde

ProfEPT - Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

SEEDUC - Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro

SIS - Síntese dos Indicadores Sociais

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 - INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 – Os Desafios de Pesquisar em Meio à Pandemia que Marcou o Início do Século XXI</b> .....	<b>15</b>
<b>2 - REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>19</b>
2.1 - Conceito de Trabalho.....	<b>19</b>
2.2 - Sociologia no Ensino Médio Conforme o Traçado na Base Nacional Comum Curricular e no Currículo Mínimo do Estado do Rio de Janeiro.....	<b>26</b>
<b>3 – METODOLOGIA</b> .....	<b>30</b>
3.1- Grupo Focal.....	<b>33</b>
<b>4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>36</b>
4.1 - O que pensam e por que pensam.....	<b>36</b>
4.2 – Validação do Produto Educacional.....	<b>39</b>
<b>5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>47</b>
<b>APÊNDICE I – PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>47</b>
<b>APÊNDICE II – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS</b> .....	<b>77</b>
<b>APÊNDICE III – FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL</b> .....	<b>78</b>
<b>APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL</b> .....	<b>80</b>
<b>ANEXO DA TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL: TEXTOS ELABORADOS PELOS DISCENTES</b> .....	<b>87</b>

## APRESENTAÇÃO

Esta produção acadêmica parte das inquietações que vivencio no exercício da prática docente; do fato de perceber a educação como a único meio real para construção de uma sociedade mais igualitária, justa e humana, onde as mazelas sociais encontrariam o seu declínio e seria possível, finalmente, alcançar o desenvolvimento que se busca enquanto Nação; por acreditar que a partir do momento que este bem, que é o mais importante, deixar de ser plano de governo e passar a ser plano de Estado, também deixaremos de ser “o país do futuro” e veremos os índices de desenvolvimento humano, social e econômico crescerem de forma acentuada.

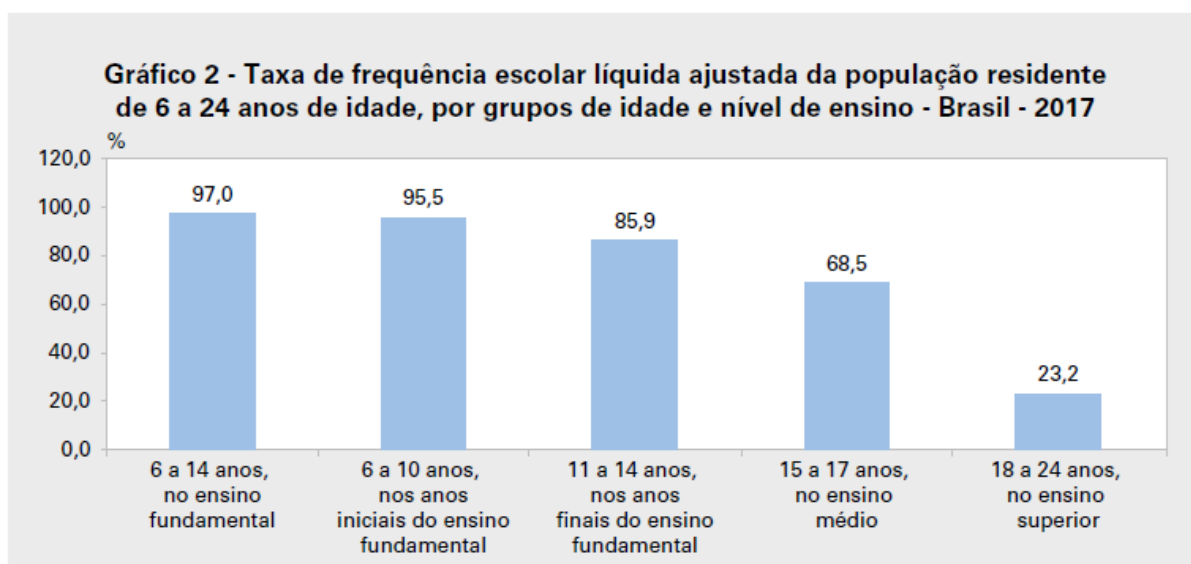
Assim, indo ao encontro das linhas de pesquisa propostas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ao levar em consideração a possibilidade de uma formação que se baseie em um referencial de ensino cuja demanda é a formação de indivíduos, buscando por meio emancipação o desenvolvimento de potencialidades de maneira plena, optei por um tema sociológico porque, como colocou Fernandes (1955), esta é uma disciplina capaz de proporcionar ensejo de compreensão de seu tempo para que se construa novas perspectivas para vivenciar o meio social.

É desse lugar que pensei e coloquei em prática o desenvolvimento de Produto Educacional que foi elaborado a partir do que os discentes apontam como necessidade para entendimento do que é o Trabalho e como ele influencia nas suas vidas em sociedade. Para tanto, levando em consideração a realidade da escola pública e a necessidade de utilização de linguagem simplificada, desenvolvi a cartilha denominada “O conceito de Trabalho e o cotidiano”.

## 1 - INTRODUÇÃO

A motivação para a realização da presente pesquisa surgiu da vivência em instituições públicas de ensino como estudante de escola pública e, mais tarde, como docente que percebe a necessidade de tornar possível o ensino emancipador, disponibilizando ao indivíduo uma formação crítica.

Abordar um dos conceitos da Sociologia se deu devido à percepção de que tal disciplina parece se restringir aos muros da academia, sendo pouco disseminada na Educação Básica. Isso levou a uma inquietação, pois esta etapa de ensino ainda se configura como o maior grau de formação ao qual a maioria das pessoas terá acesso. Isso pode ser constatado ao observar o gráfico abaixo:



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017.

De acordo com esses dados da Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), publicado em 2018, apenas 23,2% dos jovens com idade entre 18 e 24 anos frequentaram o ensino superior no Brasil. Ou seja, 76,8% dos jovens nesta faixa etária concluem apenas o ensino médio.

Outro elemento responsável pelo interesse no tema deste artigo está ligado ao fato de que, enquanto docente de Sociologia com vínculo com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), vivenciar as problemáticas que circundam a Educação Básica em

relação ao ensino se faz inerente à própria prática; e tentar buscar soluções para elas está relacionado ao fato de perceber a educação como única possibilidade para a construção de mudança social capaz de dirimir as desigualdades existentes na sociedade.

Foi a partir da observação do cotidiano da educação pública somada aos questionamentos estimulados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) que surgiu o lampejo de trazer a discussão que se faz aqui. Experienciar as questões que envolvem o ensino integral oferecido pela rede pública do Estado do Rio de Janeiro ao lecionar para o curso de Administração com ênfase em Empreendedorismo exponenciou o interesse pela busca de maneiras de aproximar a Sociologia da realidade dos educandos. Isso porque o comportamento do indivíduo e a percepção do seu papel social são frutos daquilo que foi aprendido durante a construção como ser sociável, exercendo a escola papel crucial nesse aspecto. Ademais, a formação deve ser ofertada de maneira que se tenha como objetivo a colaboração para que ela se dê em sua completude.

Assim sendo, a pesquisa realizada teve por objetivo a análise do conhecimento que os alunos do ensino médio integral no curso de Administração com ênfase em Empreendedorismo tinham a respeito do conceito de Trabalho, utilizando a técnica de grupo focal e a elaboração de um texto pelos participantes para a coleta de dados. O perfil etário traçado para a participação dos indivíduos foi de 14 a 17 anos.

A busca por compreender qual é o entendimento desses indivíduos em relação ao tema Trabalho se deu pelo fato de tal conteúdo estar materializado de maneira direta no cotidiano de sociedades que se estruturam a partir dele. Além disso, a escolha também se deu pelo fato desses discentes terem feito a opção por um ensino que, ao menos teoricamente, daria a eles um meio de inserção no mundo do trabalho. À vista disso, o recorte realizado na pesquisa foi, mais especificamente, o conceito sociológico de Trabalho, abordando quais são as implicações do mesmo na vida em sociedade.

Os materiais institucionais utilizados e analisados na construção da presente produção acadêmica foram a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Básica e o Currículo Mínimo estabelecido pelo Estado do Rio de Janeiro, em 2012, o qual ainda está em

vigor. A escolha por esses documentos públicos, tanto de origem estadual quanto federal, deu-se pela busca de elemento resultante – ou seja, o Produto Educacional – que tivesse aplicabilidade possível nas aulas de Sociologia lecionadas para o ensino médio integral.

Sendo assim, como é objetivo no ProfEPT, buscou-se a elaboração de material que pudesse ser agregado de maneira concreta no cotidiano educacional tanto pelos docentes quanto pelos discentes, tendo o intuito de que o resultado pudesse trazer contribuição adicional para a disposição e compreensão do tema sobre o qual nos debruçamos. Neste sentido, percebeu-se como foi relevante analisá-los, visto que estão presentes no cotidiano escolar e influenciam na percepção dos temas estudados na fase final da Educação Básica.

Para a compreensão do objeto, percebeu-se que a melhor metodologia a ser aplicada seria a análise de conteúdo dos dados colhidos no grupo focal e leitura buscando a contextualização política e a explanação da Sociologia tendo como principal alvo de escrutínio nesse aspecto o Currículo Mínimo, bem como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pois, como pontua Cellard (2012, p. 295):

o documento permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social (...) [podendo-se] operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como de sua gênese até os nossos dias.

Deste modo, considerando-se o longo tempo de produção dos documentos que direcionam o ensino, bem como o atual momento em que se indagam os indivíduos a respeito de algo tão presente no dia a dia de quem se dispôs a falar sobre o tema Trabalho, entendeu-se que é importante compreender o que os discentes entendem sobre o tópico para, a partir desse ponto, criar o Produto Educacional que melhor contribuísse para a formação institucional.

## **1.1 - OS DESAFIOS DE PESQUISAR EM MEIO À PANDEMIA QUE MARCOU O INÍCIO DO SÉCULO XXI**

Esta produção acadêmica foi realizada em meio a maior pandemia dos últimos cem anos.<sup>1</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS),<sup>2</sup> o Brasil ocupa o segundo lugar no

---

<sup>1</sup> O que exigiu mudanças metodológicas que serão explanadas mais a frente, devido ao fechamento das escolas para evitar que a proliferação do vírus se desse de maneira ainda mais devastadora.

<sup>2</sup> Vide <<https://covid19.who.int/region/amro/country/br>>. Acesso: jan. de 2021.

ranking de países com mais vítimas fatais pela Covid-19 (coronavírus), apesar de contar com a sexta maior população do mundo<sup>3</sup> e ser o terceiro país em número de infectados (sendo o primeiro os Estados Unidos da América e o segundo a Índia). Até agosto de 2021, o Ministério da Saúde contabilizava aproximadamente seiscentos mil óbitos.

A Covid-19, causada pelo coronavírus Sars-CoV-2, refere-se a uma doença infectocontagiosa. A primeira detecção ocorreu na cidade chinesa de Wuhan, mais precisamente em um mercado de frutos do mar. O indivíduo que primeiro percebeu a proliferação tentou alertar sobre a existência de uma contaminação em massa, mas foi impedido pelas autoridades locais de fazê-lo. Tratava-se de um médico chinês chamado Li Wenliang,<sup>4</sup> que também veio a falecer em decorrência da Covid-19.

A propagação do vírus se dá pela secreção contaminada quando em contato com boca, nariz e olhos. Sua instalação se dá nas vias respiratórias, podendo acometer severamente os pulmões. Os contaminados podem manifestar desde quadro assintomático a grave. Sendo o tratamento, nos casos mais sérios, a utilização de ventilação mecânica, já que se faz necessário o auxílio externo para atenuar a falta de oxigênio. Por esse motivo, a principal medida sanitária adotada é o isolamento social, a fim de evitar o alastramento vertiginoso da doença.

Como se trata de uma doença cujo surgimento foi repentino, os estudos para a elaboração de vacinas se deram em meio ao caos trazido pela pandemia. Diante do cenário de aumento de casos e ausência de medicamento com eficácia cientificamente comprovada, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) aprovou o uso emergencial de duas vacinas<sup>5</sup> (CoronaVac e vacina de Oxford) que já houvera sido testadas em seres humanos com eficácia comprovada.

---

<sup>3</sup> Vide < <https://diariodoestado.com.br/75995-75995/>>. Acesso: jan. de 2021.

<sup>4</sup> Vide

<<https://veja.abril.com.br/mundo/medico-de-wuhan-e-primeira-vitima-de-coronavirus-na-china-em-semanas/>>. Acesso: fev de 2021.

<sup>5</sup> Vide <

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/por-unanimidade-anvisa-aprova-uso-emergencial-de-vacinas-contra-covid>>. Acesso: fev. de 2021.



O cenário político brasileiro é importante elemento de análise em relação à maneira como a pandemia se desenrolou no país. Nesse aspecto, podemos dizer que o país vem enfrentando, há cinco anos, um quadro de anomalia que tem impacto significativo na forma como vivenciamos a Covid-19. Segundo Silva (2020, p. 103), este perpassa a falta de governabilidade que se instaurou a partir do golpe de 2016, episódio que diz respeito à destituição da presidente Dilma Rousseff por intermédio de impeachment.

Isso porque é a partir desse processo que o país passa por um conjunto de reformas que visaram suprimir direitos, ocasionando em uma maior fragilidade socioeconômica, pois “assistimos uma intentona contra (...) modelo protetivo pela imposição das contrarreformas que vem impactando a oferta dos serviços públicos básicos” (LOPES; RIZZOTTI, 2020, p. 127).

Segundo Vernek e Baster (2020),<sup>6</sup> que fizeram uma projeção em abril de 2020 de como a epidemia afetaria o Brasil, o país passaria por uma situação grave, tendo como aspecto principal a falta de governabilidade em que se encontra, sendo ela agravada com a Covid-19.

Nesse sentido, Sampaio,<sup>7</sup> em janeiro de 2021, expõe que o Conselho de Saúde apontou que a posse do candidato eleito para o cargo de maior relevância do Executivo da República Federativa do Brasil, nas eleições de 2018, teve devastador impacto no alto índice de mortes contabilizadas, visto que o mandatário optou por negar a ciência, indo contra todas as orientações da OMS, além de denominar a Covid-19 – que já havia ceifado a vida de milhares de pessoas no mundo – como “gripezinha”,<sup>8</sup> em março de 2020, durante pronunciamento em rede nacional.

---

<sup>6</sup> Vide

<<https://www.brasilefato.com.br/2020/04/03/artigo-pandemia-expoe-desinformacao-e-violacao-de-direitos-nas-periferias-do-brasil>>. Acesso: fev. de 2021.

<sup>7</sup> Vide

<<https://www.brasilefato.com.br/2021/01/15/conselho-de-saude-aponta-responsabilidade-do-governo-bolsonaro-em-crise-de-manaus>>. Acesso: fev. de 2021.

<sup>8</sup> Vide

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=352RoCLly1Q>>. Acesso: jan. de 2021.

A partir daquele momento, os números começaram a crescer vertiginosamente e atingimos o caos sanitário, presenciando inclusive a perda de vidas por asfixia, pois faltaram cilindros de oxigênio nos hospitais de Manaus (AM).<sup>9</sup>

Devido a essa situação de pandemia e as necessárias medidas de segurança sanitária e isolamento social, a SEEDUC, a partir do exposto no inciso VI, do artigo 4º do Decreto nº 47006 de 27 de março de 2020, que “*dispõe sobre as medidas de enfrentamento da propagação decorrente do novo Coronavírus (Covid-19), em decorrência da situação de emergência em saúde, e dá outras providências*” (Rio de Janeiro, 2020), optou pela utilização da plataforma Google Classroom como ferramenta para a realização das aulas nas instituições de ensino da rede pública estadual.

Esse fato impactou diretamente a realização da pesquisa, já que a mesma havia sido elaborada para que o seu desenvolvimento se desse de maneira presencial. Outro aspecto que modificou foi o fato da má gestão da pandemia ter sido a responsável pelo prolongamento do tempo necessário para que a normalidade sanitária fosse minimamente reestabelecida, a partir, por exemplo, do início da vacinação. Isso trouxe grande impacto social, fazendo com que muitos discentes, tivessem que priorizar o exercício de atividade laboral, mesmo que em situações precárias.

Quando eles têm a possibilidade de continuar estudando, solicitam a transferência do ensino integral, definido por Maurício (2009, p. 55) como de suma importância para o “desenvolvimento dos aspectos afetivo, cognitivo, físico, social e outros se dá conjuntamente”, para o ensino regular. Porém, essa escolha não é livre, mas sim forçada pelo fato de terem que contribuir com os gastos das suas famílias.

Não cabe aqui a intenção de realizar afirmações generalizantes, pois o exposto surge da observação de um acontecimento que se apresentou frente ao exercício da docência em uma escola específica. Porém, se o questionamento se der no sentido de saber se este se repete

---

<sup>9</sup> Vide

<<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,estoque-de-oxigenio-acaba-em-hospitais-de-manaus-e-pacientes-mo-rem-asfixiados,70003581285>>. Acesso: jan. de 2021.

em outras instituições, a resposta é sim – vide tese<sup>10</sup> da Dra. Vanessa Petró (2015) que afirma que 24% dos que deixaram a escola para trabalhar em cenário cotidiano e com aspectos sanitários inalterados –, mas o que constatamos diz respeito aos discentes dessa unidade de ensino especificamente.

## **2 - REFERENCIAL TEÓRICO:**

### **2.1 - CONCEITO DE TRABALHO**

A sociedade se organiza através das relações provenientes do Trabalho. Por conseguinte, percebe-se que as modificações históricas que ocorreram ao longo do tempo na atividade laborativa têm reflexo direto na maneira como os indivíduos são compreendidos socialmente a partir das experiências a que são condicionados ao vender sua força vital.

Assim, faz-se necessário, em produções acadêmicas que discutem o mundo do trabalho, observar os avanços teóricos a partir do que o sociólogo, economista, filósofo, jornalista e historiador Karl Marx dispôs em suas obras. Porém, também é importante – até mesmo para que haja um diálogo com os indivíduos que estão para além dos muros da academia – que essa abordagem seja compreendida levando em consideração a contemporaneidade, sem abdicar de interpelação que busque compreender os caminhos que os levaram até tal ponto. Não há como entender a sociedade em que vivemos se abandonarmos a História.

De acordo com Cortella (2009, p. 19), na Antiguidade – período de grande influência para sociedades ocidentais, como a brasileira – o trabalho era compreendido como uma prática menor, uma punição aplicada pelos deuses. Essa perspectiva sofre modificações de acordo com a época, mas continua a existir, a depender das concepções dominantes de cada tempo.

Conforme expõem Antunes e Alves (2004, p. 336), a partir da valorização e persecução à acumulação do capital, o mundo do trabalho sofre mutações sensíveis que

---

<sup>10</sup>PETRÓ, Vanessa. **Educação de jovens e adultos**: Como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola? UFRS. 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/116476/000964564.pdf?sequence=1>> Acesso em setembro de 2020.

levaram à construção de um sistema metabólico em que o capital vigente é o principal elemento a ser resguardado. Desta maneira, os trabalhadores são despersonalizados, tornando-se apenas meio para obtenção de lucro. Para tanto, por diversas vezes, busca-se a construção de ciclos em que se estabelece uma condição de perda de direitos.

Antunes e Alves (2004) trazem um retrato das mutações ocorridas no mundo do trabalho a partir da eleição de nove pontos que nos levam a compreender como isso ocorreu. Para esses autores, o primeiro elemento de análise deve ser a percepção de que a caracterização da classe trabalhadora apenas como aquela que se encaixa no perfil trazido pelo fordismo e taylorismo de trabalhadores fabris não abarca a pluralidade de trabalhadores que vivem da venda da sua força vital. Isso porque, a partir do emprego de novas tecnologias, “como a ‘teletemática’ (que permite a relação direta entre empresas muito distantes)” (ANTUNES; ALVES, 2004, p.337), ocorre o surgimento de múltiplas formas de flexibilização nas condições de trabalho que geram mudanças nesse perfil, trazendo redução à formalidade que o caracterizava até então.

O segundo ponto é que a descaracterização do vínculo empregatício trouxe desemprego e, conseqüentemente, a aceitação de condições de trabalho precárias. Como resultado, percebeu-se o surgimento de um novo perfil de proletariado, uma vez que a desindustrialização trouxe a expansão da informalidade.

O terceiro ponto é o aumento significativo do trabalho feminino. Antunes e Alves (2004, p. 338) trazem a diferenciação de gênero no mundo do trabalho como um dos elementos que explicam a mutação ocorrida neste com o passar dos anos, já que a desvinculação do indivíduo a formas de trabalho que proporcionam o mínimo de seguridade social (vide o ponto supracitado) são acompanhados do aumento da presença de mulheres exercendo atividade laborativa. A *precarização* (ANTUNES, 2020, p. 60) trouxe remuneração inferior e diminuição de direitos sociais, componentes historicamente relacionados à inserção das mulheres no mercado de trabalho e que se perpetuam até os dias atuais.

Antunes e Alves (2004) elencam, em quarto lugar, o aumento no quantitativo de trabalhadores no chamado setor de serviços. Essa mudança no setor produtivo formal, ocorrida no final do século XX, gerou a sindicalização dos assalariados médios e configurou

uma ampliação da classe trabalhadora. Naquele momento, tais atividades, que eram tidas como improdutivas, passaram a ser consideradas profícuas.

Os pontos cinco e seis elencados pelos autores complementam-se e geram a inserção laboral que caracteriza uma conduta criminosa, pois, ao excluir jovens e idosos do mundo do trabalho, acrescenta-se a interposição de mão de obra infantil em múltiplas áreas pelo capital para exploração e geração de lucro.

Todas essas mudanças na dinâmica do mundo do trabalho contribuíram para o sétimo ponto, que se refere ao aumento do terceiro setor, no qual “dominam aquelas [atividades] de caráter assistencial, sem fins diretamente mercantis ou lucrativos e que se desenvolvem relativamente às margens do mercado” (ANTUNES; ALVES, 2004, p.339) e, assim sendo, vislumbra-se atuação limitada, dado que a dinâmica fomentada no capitalismo gira em torno da produção e acumulação de riquezas.

O oitavo componente que constitui mutação no mundo laboral é a expansão do trabalho em domicílio que, por meio da inserção e expansão das possibilidades tecnológicas no auxílio e na execução do trabalho, traz a desconcentração do processo de produção que antes tinha espaço físico pré-determinado em que deveria ser desenvolvido. Antunes e Alves (2004, p. 341) dizem que esse aspecto é responsável pela ampliação das “formas de exploração do contingente feminino”. (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 341).

Como nono aspecto de mudanças no mundo do trabalho está a Mundialização do Capital. Esse movimento, o qual podemos chamar de globalização econômica, dentre outras ações de mercado, acontece quando uma empresa com sede em um país expande suas atividades e se instala em outro país. Isso gera nova conformação da classe trabalhadora, devido à fragmentação e à estratificação causadas pela internalização do capital.

Antes de tratar o que apontamos como consequência desses fatores trazidos por Antunes e Alves (2004) e expostos até aqui, explicita-se que, visando analisar especificamente o cenário da realidade brasileira, não há que se falar na formação do processo de exploração do trabalho sem abordar a questão da escravidão que ocorreu após a primeira invasão (também chamada, em termos históricos, de colonização) ao que conhecemos como

território nacional. Ao menos institucionalmente, o período escravocrata tem seu fim datado de 1888. Adotamos essa retórica devido à falta de planejamento e possibilidade de condições mínimas de dignidade aos que recebiam sua “liberdade”, cujas influências podem ser percebidas até hoje.

Como apontou Moura (2019 p. 69-72), o que ocorreu de fato naquele período de mais de três séculos foi um apagamento cultural do povo negro, por meio da assimilação.<sup>11</sup> Este levou também a uma invisibilização da ligação entre luta de classes e raça, pois passa uma ideia de que tal processo seria de troca e ocorreria mutuamente entre dominador e dominado e que, com o decorrer do “compartilhamento” cultural, isso teria de alguma forma contribuído até mesmo para as modificações sociais daqueles que foram subjulgados.

Nesse sentido, o autor afirma que este não foi o resultado “a não ser em proporções não significativas ou individuais. (...) Isso porque os mecanismos que produzem a mudança cultural têm pouca relação com aqueles que produzem a mudança social”. (MOURA, 2019, p. 75). Tal sistema é responsável pela desigualdade social, explicitada pela Dualidade Estrutural (GRABOWSKI; KUENZER, 2016), que visa dividir o acesso ao ensino de acordo com a classe social. Desse modo, busca-se superar a visão que se estabelece no âmbito educacional e que reflete no mundo do trabalho, pois:

A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela **divisão social do trabalho** entre a **ação de executar** e a **ação de pensar**, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a **redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional** (...) Como **formação humana**, o que se busca é **garantir** ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador **o direito a uma formação completa** para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. (CIAVATTA, 2005, p. 2-3, grifos nossos).

Esse adendo se faz necessário, pois vivemos em um país que, no sentido inverso do que fizeram grandes nações,<sup>12</sup> tende a mascarar ou até mesmo negar a existência ou a perpetuação de situações advindas de períodos historicamente devastadores como a

---

<sup>11</sup> Segundo Moura (2019, p. 69-72), este é o processo em que a sociedade em posição dominante faz com que aqueles sob domínio sejam forçados a adotar aspectos culturais que não fazem parte de sua vivência, causando assim, um apagamento identitário. Exemplo disso é a catequização.

<sup>12</sup> Como exemplo, pode-se citar a Alemanha, que não nega ou esconde a atrocidade histórica que foi o Holocausto, vide o Memorial do Holocausto em Berlim ou Museu de Auschwitz.

escravidão. A partir desta negação, busca-se criar o imaginário de que “se não dá pra ignorar o que aconteceu, ao menos diremos que não nos afeta mais enquanto sociedade”. Porém, essa construção narrativa não se mostra condizente com a realidade e, em tempos em que a sombra do negacionismo vocifera, é importante colocar-se a esse respeito.

Ao buscar compreender o cenário contemporâneo do mundo do trabalho que resulta de todo o processo de mutabilidade que sofre, nos moldes dos pontos já expostos à luz de Antunes e Alves (2004, p. 335-351), percebe-se que essas mudanças continuam acontecendo e desaguam na precarização.

Assim, adotando abordagens que explicam fenômenos atuais que ocorrem no mundo do trabalho, entendemos o exposto por Antunes (2020p. 58-67) a respeito da *uberização* e *precarização* como colocações que contemplam o cientificismo de análise social trazido pelos escritos de Marx a respeito do Trabalho, sem deixar para trás a hodiernidade das questões que nos circundam, posto que o suprarreferido autor entende essa compreensão categórica de análise de maneira ontológica (MOURA; LIMA FILHO; SILVA, 2015, p. 1063); ou seja, a partir da observação do ser como ser, observando como o conceito que diz respeito à venda de força vital se manifesta na realidade social, trazendo as múltiplas modificações que o tema sofreu com o passar do tempo.

Deste modo, é importante fazer a exposição desse aspecto com a definição cunhada por Antunes (2020), a qual nos coloca a par da maneira como podemos explicar quem são os trabalhadores do século XXI, bem como a maneira como o conceito de Trabalho é definido quando dispõe esta categorização como *classe-que-vive-do-trabalho* e explica que a mesma diz respeito à:

Totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho em troca de salário, seja na indústria, na agricultura e nos serviços, seja nas interconexões existentes entre esses setores (...), cada vez mais integrados pelas cadeias produtivas globais e que vendem sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário, sendo pagos por capital-dinheiro, não importando se as atividades que realizam sejam predominantemente materiais ou imateriais, mais ou menos regulamentadas. (ANTUNES, 2020, p. 33).

Assim, podemos entender que aqueles que não possuem os meios de produção e vendem sua força de trabalho para os que pertencem às classes que se encontram no topo da

estratificação social pertencem à *classe-que-vive-do-trabalho*. Sendo, portanto, Trabalho concebido como “termo historicamente determinado, que indica a condição da atividade humana no que denomina ‘economia política’; ou seja, a sociedade fundada sobre a propriedade privada dos meios de produção e a teoria ou ideologia que a expressa”. (MANACORDA, 1996, p. 44).

Em observação atual, Antunes (2020) nos traz percepções como a *uberização do trabalho* que, segundo ele, refere-se a “uma nova modalidade laborativa que combina mundo digital com sujeição completa ao ideário e à pragmática das corporações”. (ANTUNES, 2020, p. 39). Em decorrência direta, é gerada a precarização daquele que se submete a esta *escravidão digital* (ibid.), a partir de uma concepção que busca vender uma falsa noção de empreendedorismo que repassa ao indivíduo toda a responsabilidade por seu insucesso profissional.

Na relação a partir do Trabalho, o que é “negociado” é a força vital daquele que tem a necessidade de colocá-la à venda por não deter os meios de produção. Contudo, a partir dos novos meios empregados para tanto, tira-se do indivíduo até mesmo a identidade de trabalhador e vende-se a ideia de que o que ocorre é a possibilidade de tornar-se dono do próprio negócio, quando, na verdade, o espaço que ocupa é o trabalhador precarizado (ANTUNES, 2020, p. 38), pois foi reduzido a um elemento na produção de capital que não detém nem ao menos os direitos básicos que lhe eram assegurados quando figurava como proletariado.

O que se vê é uma reafirmação de que o sucesso de cada indivíduo atravessa única e exclusivamente o grau de esforço empregado e que todos conseguem alcançar sucesso, se trabalharem o bastante. Essa narrativa não leva em consideração fatores externos, como, por exemplo, a educação institucional a que cada um tem acesso.

O discurso meritocrático busca relativizar o surgimento, a intensificação e a permanência da *escravidão digital* (ANTUNES, 2020, p. 32), pois oferece uma ideia de que, ao aderir à prestação de serviços por intermédio de aplicativos, o trabalhador está empreendendo, enquanto, na verdade, ele tem sua mão de obra terceirizada por uma empresa que lucra sobre o que este produz. Porém, sob o pretexto de que proporcionará liberdade, tais



empresas promovem a chamada *mutação do trabalho*<sup>13</sup> (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 336), utilizando-se da *flexibilização*<sup>14</sup> (ANTUNES, 2020, p.34), para se abster de arcar com as despesas trabalhistas que garantem a preservação de direitos a quem *vende sua força de trabalho*.

Vincular o conceito de Trabalho à educação é relevante, pois, como expôs Tumolo (2011), o trabalho como princípio educativo é uma categoria que pode ser compreendida de diversas maneiras. Porém, dentre essas múltiplas formas de constituição dessa categoria, há ao menos um ponto de convergência: “o pressuposto segundo o qual a educação se estrutura e se organiza a partir do eixo do trabalho” (TUMOLO, 1996, p. 1), sendo ele determinante para se estabelecer qual será a visão pedagógica adotada e se a *acumulação flexível*<sup>15</sup> (GRABOWSKI; KUENZER, 2016) será endossada ou não.

Neste caso, segundo Moura, Lima Filho e Silva (2015, p. 1063), há uma aproximação das formulações de autores como Marx, Engels e Gramsci, que se debruçaram sobre as relações de trabalho e educação a fim de analisá-las. Contudo, o fizeram a partir de uma perspectiva que entende a congruência existente entre elas como via humanizatória para o indivíduo; o que resultaria em uma escola que forma de maneira ampla ao alinhar ciência, modo como os sujeitos vivem em sociedade e os conhecimentos necessários para o trabalho.

Desta forma, optou-se, nesta produção, por uma abordagem do tema que tem como viés uma percepção de educação integradora (ARAÚJO; FRIGOTTO, 2015) que busca

---

<sup>13</sup> “Os tempos são outros” e de que “tanto o trabalho em si quanto a forma de trabalhar mudaram” para relativizar perda de direitos e precarização das condições de trabalho que advêm da digitalização que tira do trabalhador, por exemplo, a definição de qual será a sua jornada de trabalho, pois a todo tempo ele deve estar disponível para a atividade laborativa, dado que, se não o fizer, não consegue ter seus ganhos e, por consequência, a sua sobrevivência. Porém, como colocam Antunes e Alves (2004, p. 336) e Grabowsk e Kuenzer (2016, p. 29), o fato de ter havido mudança significativa na maneira como se estabelecem as relações de trabalho não pode ser justificativa para a perda de garantias já conquistadas, tendo em vista que a *classe-que-vive-do-trabalho* não perdeu seu sentido ontológico em decorrência dessas modificações.

<sup>14</sup> Refere-se à utilização de meios de subordinação laboral e prestação de serviços em que não haja vínculo trabalhista como, por exemplo, a busca cada vez maior pela inclusão de terceirizados em determinadas áreas.

<sup>15</sup> Diz respeito à ideia de que os trabalhadores, a depender de sua origem social, devem ter acesso à educação básica (precarizada) que possibilite apenas que exerçam atividades generalistas e sem aprofundamento, de modo a não terem especialização para o cumprimento de ação laboral mais aproximada do que Grabowsk e Kuenzer (2016, p. 28) chamam de *intelectualização das competências*; ou seja, daquelas atividades que exigem prática mais complexa (tidas como mais próximas do cientificismo). Ressalte-se que essas combinações são definidas de acordo com as necessidades do mercado para assegurar que a acumulação do capital se dê em proporções cada vez maiores.

superar que seja proporcionado um ensino marcado pela Dualidade Estrutural (GRABOWSKI; KUENZER, 2016).

Sendo assim, o que trazemos aqui é a concepção ontológica do Trabalho que leva em consideração o materialismo histórico-dialético. Ou seja, buscamos observá-lo sem deixar de lado seu aspecto social, econômico, político e ideológico, sendo o último muitas vezes comumente colocado pelo senso comum como origem natural das divisões sociais, tentando colocá-las como algo inerente aos indivíduos e não como uma construção realizada previamente às escolhas feitas pelos sujeitos.

## **2.2 - SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO CONFORME TRAÇADO NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E NO CURRÍCULO MÍNIMO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

A história é escrita a todo tempo e assim também acontece com o espaço que a Sociologia ocupa no Currículo, pois ele fica na dependência de quem esteja à frente das tomadas de decisões.<sup>16</sup> Como comprovação, basta observar as inúmeras inserções e retiradas da disciplina da grade escolar. Segundo Silva (2009), o Currículo refere-se a um campo de poder a ser desbravado e sob disputa. Isso se manifesta por meio de documentos sobre os quais nos debruçamos ao realizar leitura atenta, buscando entender qual a contextualização política em que foram elaborados e como a Sociologia é abordada em cada um deles.

O Ministério da Educação (MEC) define a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”<sup>17</sup>.

Assim, as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, instituídas pela Lei nº 9.394 de 1996, em seu art. 35-A, § 2º, estabelecem que a BNCC “referente ao ensino médio incluirá

---

<sup>16</sup> Visto o exposto por Silva (2010), que completa quadro iniciado por Santos, em 2002, ao esquematizar as inserções e retiradas da Sociologia enquanto disciplina que compõe o currículo educacional institucional vigente no Brasil, principalmente na Educação Básica. Em suma, o disposto pela autora demonstra de maneira historiográfica que, quando há ocupação autoritária (ou que flerte com esta) no exercício do poder, a Sociologia é destituída; em contrapartida, quando o cenário é inverso, a disciplina volta a ocupar seu lugar.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso: nov. de 2020.

obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia”. Essa determinação se fez necessária, pois tais disciplinas passaram – e, infelizmente, continuam passando – por instabilidades curriculares, nas quais, por vezes, a importância de permanecerem no Currículo foi questionada por disputas políticas baseadas na perseguição do poder entre os que governavam. Materialização disso foi o veto realizado, em 2001, pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, que impossibilitava a obrigatoriedade da Sociologia na grade curricular.

A educação não é de competência exclusiva da União, ficando a cargo também dos Estados e Municípios. Desta maneira, cada ente federativo estabelece, a partir do indicado pelo governo federal, o conteúdo a ser ministrado nas instituições de ensino. O Estado do Rio de Janeiro instituiu, durante o Governo Cabral, em 2011, por meio de uma equipe pedagógica ligada à Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), o Currículo Mínimo adotado pelas escolas sob sua gestão. O documento permanece vigente desde 2012.

O Currículo Mínimo é documento institucional responsável por apontar quais serão os conteúdos essenciais abordados em cada disciplina por bimestre. Nele estão expressas orientações em relação ao conhecimento básico que o discente que cursa determinada série deve ter aprendido ao final daquela etapa de ensino.

Em um comparativo com o Direito que, assim como a Sociologia, é uma Ciência Social, podemos dizer que a BNCC traz os procedimentos de como se dará a Educação Básica, sem tocar nos pontos que serão objetos de estudo das disciplinas. Enquanto isso, o Currículo Mínimo é o documento em que, a partir de “cadernos” próprios, estes são explicitados.

Pelo exposto acima, a BNCC pode ser colocada como dispositivo normativo que estabelece quais serão os conteúdos basilares que deverão ser aplicados para todos aqueles que estão na fase escolar, estendendo-se até o último ano do ensino médio. Ressalte-se aqui que, em toda a sua extensão, a BNCC menciona a Sociologia em apenas cinco instâncias e sempre como um subtema ao tratar das Ciências Humanas. Fato esse que não acontece, por

exemplo, com a Matemática, que tem destaque incontestável, sendo citada em um total de 208 vezes.

Em relação ao que expressa sobre o objetivo da educação, apesar de a BNCC expor um compromisso com a educação integral, na maior parte das vezes ela está ligada à concepção de que a escola tem papel primordial de formar para o mundo do trabalho, dando destaque, como demonstrado, às disciplinas que se distanciam da criticidade cunhada pelas ciências humanísticas a respeito do meio social.

Apesar de definir a inclusão da Sociologia como meio importante para a construção de habilidade argumentativa e sistematização do raciocínio, possibilitando a organização do pensamento analítico e interpretativo (BRASIL, 2018, p. 472), a BNCC não traça espaço próprio para a disciplina, colocando-a como coadjuvante e sem aprofundamento mínimo do seu conteúdo.

Com relação ao Currículo Mínimo, pode-se dizer que, como colocado por Formosinho (*apud* FORMOSINHO; MACHADO, 2008, p. 7), ele se refere a um “Currículo uniforme, pronto a vestir, em tamanho único”. Seu surgimento ocorreu em um momento em que os dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)<sup>18</sup> do ano de 2009 apontaram que o ensino médio da rede estadual do Rio de Janeiro não conseguiu alcançar a meta de 2,9 que houvera sido estipulada para aquele ano. No referido período, a média nacional foi de 3,6, e apenas o estado do Piauí obteve nota inferior: 2,7.<sup>19</sup> Tal resultado culminou na queda da secretária de Educação à época.<sup>20</sup>

Com vistas a uma recuperação frente aos resultados obtidos, o então nomeado secretário de Educação (Wilson Risolia) estipulou a criação do Currículo Mínimo. Nos dois resultados seguintes (2011 e 2013), o Estado conseguiu obter nota acima do estabelecido;

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=5781819>>. Acesso: jan de 2020.

<sup>19</sup> É válido, porém, observar que, diferentemente do que aconteceu com o Estado do Rio de Janeiro, o Piauí conseguiu superar a meta definida para aquele ano, que era de 2,4.

<sup>20</sup> Disponível em:

<<https://extra.globo.com/noticias/rio/tereza-porto-exonerada-da-secretaria-estadual-de-educacao-362850.html>>

porém, nos anos de 2015, 2017 e 2019, isso não aconteceu. Nestes dois últimos anos, as avaliações chegaram a ficar 0,9 menores que o esperado.

Tais resultados confirmaram o que Frigotto *et al.* (2011) colocaram ao dizer que os meios pelos quais se optou para buscar a recuperação do resultado foram ineficazes, visto que não atacavam a raiz do problema, mas tão somente o mascarava a partir de bonificações prometidas aos docentes, caso os índices fossem alcançados. Isso porque o então secretário tinha a percepção de que a educação se trata de um negócio.<sup>21</sup>

Essa percepção ficou clara na elaboração do Plano Estratégico 2012-2031 do Governo do Estado do Rio de Janeiro<sup>22</sup>, o qual, em sua página 85, determina que “a realização de metas estabelecidas para indicadores de aprovação, proficiência e infraestrutura orienta a distribuição de bonificações aos servidores efetivos das unidades e das Regionais”. Seria esse o meio pelo qual a administração pública melhoraria os índices educacionais das instituições públicas de ensino inseridas na esfera estadual. As bonificações aumentariam salários e auxílios concedidos aos docentes e servidores do setor da educação por meio de reajustes anuais e implementação de benefícios.

Tal atitude transmitia a ideia de que o problema era exclusivo da prática docente, ignorando uma série de problemas infraestruturais, como a falta de incentivo à capacitação, problemas de gestão e a falta de uma política pública que visasse planejamento em âmbito pedagógico de um verdadeiro método de superação dos déficits demonstrados pelo IDEB.

À semelhança de outras disciplinas, foi implementado para a Sociologia um caderno específico que demonstrava, sem aprofundamento, a partir de tópicos, o conteúdo que deveria ser ministrado em sala de aula. Isso fica claro ao observar o fato de a determinação de que o tema Trabalho seja abordado da seguinte forma: “Trabalho, sociedade e capitalismo”, sendo estabelecidas habilidades generalistas que não levam em consideração, por exemplo, a

---

<sup>21</sup> Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0710201018.htm](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0710201018.htm)>

<sup>22</sup> Disponível em:

<[http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/content/conn/UCMServer/path/Contribution%20Folders/site\\_fazenda/Suportais/PortalPlanejamentoOrçamento/3\\_estudos\\_publicacoes/estudos\\_publicacoes/planoestrategico2012.pdf?lve](http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/content/conn/UCMServer/path/Contribution%20Folders/site_fazenda/Suportais/PortalPlanejamentoOrçamento/3_estudos_publicacoes/estudos_publicacoes/planoestrategico2012.pdf?lve)>

multiplicidade de realidades existentes na rede estadual de ensino ou questões que toquem sua vivência prática, rendendo-a pouco eficaz ao longo do tempo, como os números demonstram.

### 3 - METODOLOGIA

Aqui falaremos sobre o *modus operandi* utilizado durante a pesquisa que culminou na construção deste artigo acadêmico e do Produto Educacional. A metodologia deve ser entendida, segundo Barreto e Honorato (*apud* TIMBÓ, 2002, p. 10), como:

O conjunto detalhado e sequencial de métodos e técnicas científicas a serem executados ao longo da pesquisa, de tal modo que se consiga atingir os objetivos inicialmente propostos e, ao mesmo tempo, atender aos critérios de menor custo, maior rapidez, maior eficácia e mais confiabilidade de informação. (BARRETO; HONORATO *apud* TIMBÓ, 2002, p. 10).

Partindo deste conceito, buscamos formas para alcançar o objetivo proposto de investigar qual é o entendimento que os discentes do ensino técnico possuem a respeito do conceito de Trabalho, tendo em vista a importância que o tema tem tanto para a aprendizagem da Sociologia quanto para a formação deles em sentido amplo.

O projeto e os instrumentos de coleta de dados foram submetidos ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Rio de Janeiro (IFRJ), tendo sido aprovado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação e Ética (CAEE) número 38818119.7.0000.5268.

Seguimos as seguintes etapas na pesquisa: (i) leitura para compreensão da contextualização política dos documentos Currículo Mínimo de Sociologia, definido pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), instituída pelo Ministério da Educação (MEC); (ii) realização do grupo focal; (iii) análise do conteúdo dos dados. Ao final, foi (iv) elaborado o Produto Educacional e realizada a (v) Validação do Produto Educacional.

Considerando as mudanças advindas das providências tomadas para evitar que o contágio da Covid-19 fosse ainda maior, como já mencionado, as aulas nas instituições de ensino passaram a ser ministradas remotamente, o que modificou o planejamento da pesquisa, pois ela havia sido idealizada para condução presencial e teve que ser executada de maneira

digital, devido à necessidade do distanciamento social. Assim, ferramentas como Google Meet, WhatsApp e e-mail foram as maneiras de comunicação utilizadas com os participantes.

A pesquisa foi realizada com discentes com idade entre 14 e 17 anos que estão cursando o ensino médio integral com técnico em Administração com ênfase em Empreendedorismo de instituição de ensino público da rede estadual, localizada no Norte Fluminense. Entendemos que os sujeitos devem ser oriundos desta fase educacional, pois é nela que a Sociologia é introduzida no Currículo.

Ao total, cinco discentes participaram da pesquisa. A primeira etapa que contou com a colaboração de três estudantes foi o grupo focal. A segunda fase em que esta contribuição foi solicitada novamente foi a Validação do Produto Educacional. Nesta, esbarramos com mais um entrave advindo da pandemia, pois da formação que participou da coleta de dados inicial (grupo focal), apenas um integrante ainda cursava a modalidade de ensino integral. Sendo assim, os outros dois deixaram de preencher um dos requisitos necessários para que pudessem colaborar com a pesquisa.

Desta forma, para a verificação da aplicabilidade do Produto Educacional foi necessário buscar a participação de outros dois adolescentes com idades entre 14 e 17 anos, que estivessem cursando o ensino médio técnico em Administração com ênfase em Empreendedorismo naquela escola, para que novamente pudessemos contar com a cooperação de três discentes.

O método de estudo realizado foi qualitativo por ser, como explicitam Bonotto *et al.* (2015), o mais apropriado para “compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde estes ocorrem e do qual faz parte. Para tanto o investigador é o instrumento principal por captar as informações, interessando-se mais pelo processo do que pelo produto.” (BONOTTO *et al.*, 2015, p. 243). Deste modo, é também uma maneira de proporcionar espaço de diálogo aos sujeitos da pesquisa, possibilitando-os uma oportunidade de participar ativamente do processo de construção do conhecimento.

O primeiro passo para dar início à realização da pesquisa se deu por meio da leitura dos documentos que regem o ensino de Sociologia procurando entender a contextualização

política em que os mesmos foram elaborados para compreender como a disciplina foi abordada nos mesmos, tendo como objeto o Currículo Mínimo (SEEDUC), para saber como o tema Trabalho se apresenta institucionalmente.

Esse foi o primeiro passo porque esse instrumento é o que indica quais são os caminhos a ser seguidos pelo docente e é um dos “dispositivos comunicativos metodologicamente desenvolvidos na produção de versões sobre eventos” (FLICK, 2009, p. 234). Ou seja, é a partir dele que se sabe qual será o conteúdo abordado e os percursos metodológicos oferecidos para a explanação do mesmo, e é adotado da mesma maneira em todas as modalidades de ensino da rede estadual, inclusive na educação integral.

Somando-se a isso, foi realizada também leitura para compreensão da contextualização política e exposição de como o tema é abordado na BNCC. O resultado pode ser observado no tópico em que tratamos da abordagem da Sociologia tanto na BNCC quanto no Currículo Mínimo do estado do Rio de Janeiro.

A primeira coleta dos dados realizada foi via Google Meet<sup>23</sup> com a realização do grupo focal. Essa foi a metodologia escolhida entre tantas, pois, segundo Morgan (apud GONDIM, 2003, p. 151), trata-se de “uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” que proporciona, segundo Veiga & Gondim (*ibid.*), “compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos”.

Outro meio para buscar compreender o que os sujeitos da pesquisa entendiam por conceito de Trabalho foi o pedido para que elaborassem textos. Neste sentido, seguindo o roteiro do grupo focal (APÊNDICE II), foi proposto que os estudantes, após a realização do mesmo, escrevessem dez linhas, partindo das seguintes indagações: “(i) O que você entende como conceito de Trabalho? (ii) Como você percebe que este conceito se manifesta no cotidiano?”. A indicação foi a de que não respondessem as perguntas em blocos e que elas servissem apenas como questionamentos para iniciarem os textos, pois estudantes desta faixa etária costumam apontar que têm dificuldades em iniciar qualquer tipo de escrita.

---

<sup>23</sup> Isso porque, devido à pandemia, foi decretado o fechamento das escolas e o ensino passou a ser realizado on-line, com a adoção das plataformas Google Classroom e Google Meet.



Esse caminho foi o escolhido para que fosse possível alcançar a elaboração do Produto Final, a cartilha “O conceito de Trabalho e o cotidiano”, pois optou-se por partir do conhecimento que eles apresentavam sobre o tema, já que a intenção não era apenas preparar algo sob a ótica de quem está institucionalmente habilitado para isso (o docente) e entregar a eles, visto que essa já é a prática encontrada no cotidiano das instituições de ensino.

Nossa finalidade está assentada, em consonância com a tendência crítico-social dos conteúdos exposta por Meksenas (2010, p. 73-89), que diz que o conhecimento não deve ser entendido como saber pura e simplesmente pelo saber, mas sim como uma oportunidade de meio para transformação do mundo social, devendo a linguagem aplicada permitir que os indivíduos que não pertencem às classes dominantes entendam o conteúdo e que ele reflita e busque analisar a vida cotidiana. Por esse motivo, nosso ponto de partida foi dar voz aos discentes.

Assim, realizou-se a coleta de dados que deu origem ao material que passou pela análise de conteúdo, que é definida por Bardin (1977, p. 38) como “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo”, sem esquecer que o importante de fato nessa metodologia não é “descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados” (*ibid.*).

Nesse sentido, André e Lüdke (1986, p. 45) esclarecem que “analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa; ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Objetivando validar a aplicabilidade do Produto Educacional denominado “O conceito de Trabalho e o cotidiano” (APÊNDICE I), aplicamos questionário (APÊNDICE III) com treze perguntas, sendo dez indagações do tipo fechadas e três abertas. Nesta visamos obter informações mais detalhadas sobre a opinião dos três participantes da Validação do Produto Educacional a respeito do instrumento elaborado. Para tanto, foi utilizado a Plataforma Google Meet e o aplicativo Google Forms, devido à impossibilidade de realização presencial.

### **3.1 - O GRUPO FOCAL**

O grupo focal foi integrado por três discentes que cursavam o primeiro ano do ensino médio e realizado através da plataforma Google Meet. A eles foi reforçado qual era o intuito daquela conversa e de como a participação deles não estava ligada a nenhuma avaliação escolar, mas sim que se tratava de uma colaboração voluntária da qual poderiam se abster a qualquer momento e que aquilo era um dos passos para uma produção acadêmica que tinha como objetivo servir de auxílio em aulas de Sociologia que seriam ministradas futuramente.

Os participantes foram informados também de que o principal ali era saber a ideia que eles tinham sobre o tema tratado e que, por isso, era relevante que estudantes daquela etapa escolar participassem, pois assim poderiam contribuir expondo a sua percepção sobre a maneira como seria interessante que o tema fosse abordado.

A ideia inicial para a realização do grupo focal era que o seu ponto de partida fosse a exibição do filme “Tempos modernos”, de Charles Chaplin, que tem duração de uma hora e vinte e seis minutos. Porém, houve a necessidade da sessão deixar de ser presencial devido à pandemia e entendeu-se ser mais condizente com a nova realidade que se apresentava que uma produção audiovisual de menor duração fosse utilizada. Assim, foi selecionado o vídeo “História do emprego e as relações no mundo do trabalho”<sup>24</sup> que tem duração de 11 minutos e 35 segundos e foi postado na plataforma YouTube, no canal do programa Via Rápida, que visa qualificar profissionais para inserção ou reinserção no mercado de trabalho.<sup>25</sup>

A produção audiovisual em questão inicia-se com a aparição de dois personagens, um homem e uma mulher, que estão buscando uma vaga de emprego e conversam ao se encontrarem em uma fila. Na cena, a candidata à vaga cita o fato da jornada de trabalho ocupar a maior parte do dia, durante cinco dias na semana, e é lembrada dos direitos trabalhistas que a pessoa que conquistar a vaga terá, bem como o de aquele ser o horário praticado no mercado.

Após demonstração de curiosidade por parte da personagem a respeito de quem inventou o trabalho, o rapaz se depara com um botão cuja descrição é “pra saber a história do trabalho, aperte aqui”. A partir desse momento, é apresentada a instauração do trabalho como criação humana que surge da interação entre indivíduo e natureza na busca pela sobrevivência. Porém, essa relação também se dá entre pessoas que fazem parte de uma

---

<sup>24</sup> Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=hfcp6qSjqxg>>. Acessado em dezembro de 2020.

<sup>25</sup> Vide <[viarapida.sp.gov.br/sobre](http://viarapida.sp.gov.br/sobre)>. Acesso: fev. de 2021.

mesma sociedade. É dela que surge a apropriação daquilo que era produzido como propriedade coletiva, passando a existir a exploração do homem pelo homem.

A narrativa continua e se passa pelos processos de exploração que se utilizam da tecnologia, inserindo as máquinas na ação e, conseqüentemente, no aprimoramento do processo histórico de exploração da mão de obra, que foi aumentada pelo advento da Revolução Industrial. Também é citada a organização dos trabalhadores em prol de melhores condições de trabalho.

Após a explicação sobre o período, abordam-se as relações estabelecidas no século XX, a conquista de direitos obtidos através das mobilizações trabalhistas como greves e o surgimento de direitos trabalhistas como regulamentação da jornada e licença maternidade, por exemplo.

Após a exibição do vídeo, o grupo integrado pelos três participantes foi indagado, seguindo o roteiro do grupo focal, sobre o que se tratava aquela produção audiovisual e qual fora o elemento específico que os fizeram ter essa percepção mais clara a respeito do tema abordado. Isso porque era preciso entender o que os discentes pensavam a respeito do tema investigado.

Em seguida, o assunto abordado foi a maneira como o Trabalho foi tratado, se os integrantes do grupo focal conseguiam identificar conceitos sociológicos a partir do que assistiram, bem como qual seria a importância de estudar a esse respeito e a influência desse conhecimento no cotidiano. Ao final da realização do grupo focal, foi pedido que os estudantes expusessem a concepção deles a respeito do conceito de Trabalho e como ele se manifesta no cotidiano.

Na aplicação dessa metodologia qualitativa de pesquisa, ficou nítida a importância de proporcionar espaço para que o protagonismo juvenil (pauta levantada por eles próprios, sempre que têm oportunidade) seja colocado em prática e deixe de ser apenas teoria pedagógica. Segundo Costa (2001, p. 26), isso refere-se à possibilidade de:

a partir das regras básicas do convívio democrático, o jovem vai atuar, para, em algum momento de seu futuro, posicionar-se politicamente de forma mais amadurecida e lúcida, com base não só em ideias, mas, principalmente, em suas experiências (práticas e vivências) concretas em face da realidade. (COSTA, 2021, p. 26).

Esta demanda levantada pelos participantes demonstra que os jovens que compõem esta geração têm a necessidade de se colocar e expor a sua percepção perante o mundo e as problemáticas que o constitui. Para os participantes, a realização do grupo focal proporcionou o atendimento dessa demanda.

## **4 - RESULTADO E DISCUSSÕES**

### **4.1 - O QUE PENSAM E POR QUE PENSAM.**

Como explicitado, o grupo focal teve início com a exibição do vídeo “História do emprego e as relações no mundo do trabalho” e ao serem questionados a respeito do assunto tratado no enredo do vídeo e o que compreendiam dele, a resposta imediata dos participantes do grupo focal foi a aparição de dois personagens que estavam em uma fila buscando emprego.

Nesse sentido, uma das participantes do grupo focal chamou atenção para o fato de os personagens do vídeo (dois trabalhadores) representarem indivíduos da sociedade que tem o trabalho inserido no cotidiano de maneira tão automática que “não sabe o que vem por trás do trabalho” (“discente A”) e aproveitou para trazer uma experiência do seu ambiente familiar, citando o fato de o pai trabalhar embarcado e passar quinze dias na plataforma e quinze dias em casa e as pessoas ao redor acharem que esse trabalho é fácil.

Na contramão dessa visão que, segundo a “discente A”, é distorcida, a mesma traz uma percepção que torna visível a *precarização* (ANTUNES, 2020, p. 60) desses regimes de trabalho ao citar, por exemplo, a falta de horário específico de trabalho quando embarcados e os problemas do chamado trabalho intermitente que se refere à prestação de serviço sem vínculo empregatício contínuo, no qual o indivíduo é remunerado apenas quando solicitado para prestar serviços. Assim, traz em sua compreensão do cotidiano aquilo que Antunes (2020, p. 66) descreve como “a classe trabalhadora, em sua nova morfologia, participa cada vez mais do processo de valorização do capital e da geração de mais-valor”, porém, sem que a ela seja assegurada qualquer garantia para tanto.

Outro exemplo impulsionado pela exibição do vídeo e trazido para a discussão a partir da vivência cotidiana dos participantes foi a jornada de trabalho de professores, visto que a mãe de um dos membros do grupo é professora e, além da sua jornada na escola, trabalha por

período equivalente em casa “estudando para preparar aulas, atividades e corrigir os deveres dos alunos” (“Discente A”).

Essa experiência compartilhada é significativa porque a técnica do grupo focal como metodologia busca entender não só o que o indivíduo pensa a respeito de algo, mas também objetiva colocá-lo como sujeito autônomo, com capacidade de compartilhar saberes. Quando esta técnica é aplicada, “há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e por que pensam” (GATTI, 2005, p. 9).

Já para o participante “Discente D”, o que chamou sua atenção no vídeo foi uma charge em que eram exigidas melhores condições de trabalho e remuneração. Essa parte o fez pensar sobre a importância dos trabalhadores, já que, apesar de a inserção das máquinas fazer a produção ser maior, elas não funcionavam sozinhas.

Ao serem perguntados a respeito da abordagem do tema no vídeo, o que mudariam e como achariam mais interessante que o tema fosse pautado, foram unânimes em responder que gostaram da maneira como foram empregados elementos históricos e gráficos, como as charges, bem como a utilização da interpretação, pois assim o assunto não fica maçante. Ao ser sugerida a possibilidade da inserção dos chamados “memes”, que são imagens ou vídeos que são reproduzidos de maneira repetitiva e tomam repercussão viralizando na internet, disseram que poderiam ser aplicados, mas que as ilustrações já ocupavam um pouco esse lugar, sendo feita a seguinte afirmação: “Pra mim o vídeo assim ficou muito legal” (“Discente G”).

Quanto à aplicabilidade de outros conceitos sociológicos que já haviam estudado durante o primeiro ano, fazendo uma ligação com a importância do conceito de Trabalho no cotidiano dos indivíduos, os participantes do grupo focal salientaram a identificação do conceito de senso comum, ligando-o ao exemplo dado em relação ao trabalho intermitente exercido pelo pai de um dos discentes que compunham aquela coletividade.

Outro conceito trazido por eles foi o conhecimento científico e a importância de se ter contato com esse tipo de informação abalizada, pois classificaram como importante a participação da historiadora no vídeo para explicar como ocorreu a evolução histórica do Trabalho na sociedade.

Foi abordado também o conceito de identidade e sua influência na construção da ideia que se tem a respeito do Trabalho, dado que essa parte da concepção os indivíduos têm

previamente. Assim, foi trazido o fato de que a maneira como vemos o trabalho intervém na construção da nossa identidade e modifica a maneira como vemos o mundo. Nesse sentido, os participantes acreditam que isso se dá porque algumas pessoas verão o trabalho como meio para obter conforto e, conseqüentemente, serem felizes, porque é através dele que é possível contribuir na sociedade em que estamos inseridos e que isso traz sentido para nossa existência.

Essa ideia vai ao encontro do que Castells (2002, p. 23) expressa sobre identidade ao colocar que as percepções do indivíduo são fruto da maneira como aprendem a organizar “seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço” (CASTELLS, 2002, p. 23).

O fator tempo também é relevante, segundo os participantes do grupo focal, estando ele diretamente ligado ao comprometimento do convívio familiar, pois as jornadas de trabalho são excedidas. Tal fato é atribuído ao montante de pessoal que se encontra fora do mercado de trabalho e ávido por ingressar ou reingressar nele. Eles apontam o medo do desemprego como combustível para que haja tolerância com relação a situações às quais Antunes (2020, p. 58-67) chama de precarização.

Esta exemplificação supracitada caracteriza a concretização do conceito marxista citado por Antunes (2020, p. 62) de *exército industrial de reserva*. Ainda a esse respeito, um dos participantes expõe que:

(...) também temos nossa vida social enquanto sociedade, famílias, amigos e etc... (...) Mas os chefes das grandes empresas não querem saber disso (não quero generalizar, temos exceções) querem que a sociedade trabalhe mais do que foi proposto no contrato, casos que eu já vi, amigo da minha família na 1ª semana de férias teve que voltar porque a empresa chamou e o medo de se recusar a voltar e perder a vaga de emprego? Essa pressão que é colocada em cima dos funcionários é muito grande e tem algumas pessoas que julgam outras falando que não gostam de trabalhar, temos o exemplo do presidente né! (Discente D)

Ao final, foi pedido que o grupo focal falasse sobre a importância de estudar o conceito de Trabalho. A esse respeito, os participantes expressaram ser relevante, tendo em vista que as pessoas aceitam determinadas condições de trabalho porque não tiveram acesso a esse tipo de diálogo e que ele contribuiria para a valorização da atividade laboral.

Sobre a influência do trabalho no cotidiano, um dos integrantes do grupo focal citou que alguns indivíduos, como a personagem do vídeo, percebem tal elemento como mais um, sem que a ele seja atribuído muito valor, mas que em sua vida tem pertinência, porém não maior que a conferida ao convívio familiar.

Ao expor a percepção que têm sobre trabalho e como percebem esse conceito sociológico no cotidiano, apresentam o entendimento de que ele serve para que os indivíduos possam obter meio de sobrevivência. Deste modo, trazem a discussão de que este conceito se manifesta no cotidiano quando “uma pessoa que contrata outra pessoa ou outras para fazer determinada tarefa e ser remunerada justamente pelo serviço que foi feito, recebendo um salário digno pelo serviço que foi proposto e feito” (“Discente D”).

Os participantes também têm a noção de que o fato de cada um exercer uma função é importante para a contribuição com a sociedade, pois, “o trabalho é fruto de uma escassez na sociedade; ou seja, (...) quando há necessidade de algo, alguém procurar uma solução, assim contratando um serviço de alguém para determinada área” (“Discente D”). Sob essa perspectiva, discorrem que “o trabalho se relacionando [com] a economia se trata de algo que nós mesmos criamos. E ele é importante para a nossa sociedade” (“Discente A”). Demonstrando que perceberam como o mundo do trabalho funciona e conseguiram correlacionar o conhecimento adquirido com a sua realidade.

## **4.2 - VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL**

A cartilha “O conceito de Trabalho e o cotidiano” que foi desenvolvida como Produto Educacional teve a validação de sua eficácia testada em apresentação do mesmo utilizando a Plataforma Google Meet, assim como na realização do grupo focal. Da mesma forma que na outra ocasião, foi informado que a participação não estava ligada a qualquer tipo de questão que atingiria o desempenho escolar, seja aprovando ou reprovando. O instrumento é composto por treze perguntas, sendo três delas abertas. Elas foram apresentadas para todos na mesma ordem.

Iniciamos a validação com a aplicação do questionário perguntando se eles já haviam estudado sobre o tema Trabalho e apenas um terço respondeu que havia tido contato com este conteúdo, porém, esse é o mesmo quantitativo dos que dizem não ter pensado sobre a maneira como o conceito influencia na vida em sociedade. Assim, podemos ter a percepção de que,

mesmo quando não são levados pela instituição de ensino a refletir a esse respeito, por ser algo que está presente no cotidiano, apenas uma minoria relata não ter ponderar sobre a atividade laboral e como ela os impacta.

Quando perguntados se o Produto Educacional expõe os conceitos ligados ao tema Trabalho de maneira simples, eles são unânimes ao afirmar que sim. Esta foi uma das maiores preocupações durante a elaboração do mesmo. Afinal de contas, o objetivo sempre foi o de trazer um assunto complexo da maneira mais simples possível, sem que isso afetasse a sua qualidade em termos sociológicos.

Em relação a trazer novos panoramas sobre a questão do conceito de Trabalho, todos os participantes responderam que o Produto Educacional proporcionou novo ponto de vista. Nesse sentido, analisamos em conjunto com as respostas da décima segunda pergunta que foi “A apresentação do Produto Educacional expondo os assuntos relacionados ao conceito sociológico de Trabalho te ajudou a pensar criticamente a respeito do tema? Justifique”. Sobre esse ponto todos responderam afirmativamente e dentre os argumentos foi dito pelo participante o seguinte: “eu tinha uma visão totalmente diferente sobre o conceito de trabalho. Após a apresentação, eu comecei a refletir e ver como que o Trabalho mexe com o estado econômico e político de uma sociedade”. Demonstrando a fomentação do pensamento crítico por meio da utilização do mesmo.

Perguntados sobre a adequação do Produto Educacional para o estudo do tema em Sociologia no ensino médio, todos confirmaram a sua compatibilidade com este propósito, sendo esta afirmação corroborada pelas respostas da décima primeira questão. Entre elas destacamos a que diz que “sim, pois trata esse assunto de uma forma mais fácil de entender, compreensão dos alunos. E também esse assunto faz relação com a sociedade”.

Ao serem indagados sobre a possibilidade da cartilha “O conceito de Trabalho e o cotidiano” ser utilizada como material de consulta pelos estudantes, os integrantes do grupo pesquisado afirmaram que sim, mesmo quando esta for individual. Quanto o fato do tema ter sido abordado de maneira sucinta, dois terços respondeu que sim, sendo a maneira como os assuntos foram abordados classificada como satisfatória por todos os participantes.

Questionados sobre a parte gráfica, dois terços disse que não fariam nenhuma modificação neste sentido, já um terço disse que incluiria. Na décima terceira questão, que pede para que façam críticas ou sugira algo para o aprimoramento do Produto Educacional,



foi apontado por um dos participantes que mais charges fossem adicionadas, mas, nesta mesma pergunta foi dito pelos outros discentes que não havia a necessidade de se fazer crítica ou sugestão, pois a cartilha “O conceito de Trabalho e o cotidiano” está apta a atender as demandas dos estudantes do ensino médio a respeito do tema trabalho e como esse impacta na vida dos indivíduos.

Levando em consideração todas as respostas podemos concluir que o Produto Educacional cumpre com o objetivo geral apontado no projeto de pesquisa que elaboramos, onde expressamos que este tinha o propósito de contribuir para o ensino de Sociologia, buscando discutir o conceito de Trabalho e possibilitando uma visão mais crítica a respeito do mundo do Trabalho.

Desta maneira, cumprimos o nosso intuito de aproximar e facilitar o entendimento da sociedade a respeito daquilo que é científico e está presente no cotidiano. Por este motivo, optamos pela concepção de produto cuja meta fosse tornar acessível um tema tão importante para as Ciências Humanas, já que, como disse Savioli et al.:

o conhecimento não é fruto da atividade isolada do ser humano, ao contrário, tem um caráter coletivo, mesmo quando formulado ou difundido por um único homem. O homem vive em sociedade e é a partir desta vida que as ideias são criadas. A transmissão destas ideias, oralmente ou por escrito, permite acumular conhecimentos. (Savioli et al., 1986, p.2)

A construção e compartilhamento do saber se faz coletivamente. Mesmo que em dado momento um indivíduo esteja como investigador e o outro como personagem da pesquisa, essa elaboração se faz em conjunto. Para tanto, percebemos que a cartilha “O conceito de Trabalho e o cotidiano” ofereceu a contribuição pretendida, tendo alcançado sua intenção.

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A investigação como um todo foi muito oportuna para reforçar compromissos que devem reger a prática docente, como, por exemplo, a ideia freireana de que a educação deve ser meio para autonomia crítica, pois só assim será emancipadora.

Nesse aspecto, a realização do grupo focal teve sua relevância exponenciada, visto que deixou nítida a necessidade de um ensino que aproxime os conteúdos estudados nas

instituições formais de ensino daquilo que é vivenciado no cotidiano para que as pessoas passem a ter conhecimento de seu papel social e de como a mão de obra que oferecem ao mercado produtivo é relevante e peça fundamental para a existência e manutenção do capital.

Mais importante ainda se torna quando observamos que a realidade por trás da evasão escolar, por exemplo, é atravessada por infortúnios ligados às condições socioeconômicas que faz os discentes, por vezes, abandonarem planos traçados que os levariam a maiores possibilidades de ascensão social. E isso acontece, pois têm a necessidade de iniciar a sua vida laboral e contribuir na renda familiar.

Pela participação dos estudantes, percebe-se que o interesse pelo que está sendo refletido é inerente à sua aplicabilidade – ou não – na vivência deles. Quando aproximamos esses dois âmbitos – teoria e práxis –, a pergunta “para que eu estudo isso?” perde sentido, pois fica claro que o conteúdo observado tem utilidade prática na vida cotidiana. Isso faz com que a explanação possibilite que os estudantes percebam o seu papel social, entendam-se como sujeitos autônomos para pensar e questionar o meio em que vivem e, assim, possam alterar a realidade social em que estão inseridos.

Colaborar para que a Sociologia cumpra o seu papel como meio proporcionador de contribuições para a emancipação dos indivíduos a partir da compreensão do lugar que ocupam na sociedade se fez presente durante esta jornada, pois foi notório que, no começo, os sujeitos da pesquisa encontravam-se receosos e tinham a impressão de que o assunto era distante. Ainda assim, no decorrer da discussão, perceberam que a produção de conhecimento ali tinha implicações diretas na vida em sociedade.

Destarte, cumpriu-se a proposta de se opor à educação puramente tecnicista, pois os indivíduos que participaram deste processo de construção de conhecimento tiveram contato com o conceito de Trabalho de uma maneira que o saber constituiu-se a servir de meio para construção de seres críticos, autônomos e emancipados, detentores de consciência sobre a realidade social em escalonamentos macro (levando em consideração o todo) e micro (tendo a percepção de seu papel enquanto indivíduo que faz parte do todo). Houve busca por superar a visão de que são simplesmente peças na divisão social do trabalho, na qual a educação tem apenas a finalidade de especializar as pessoas para serem capazes de executar funções em uma parte do processo de acumulação do capital.

Como perspectiva futura, a partir desta produção, buscar-se-á que o conhecimento advindo da mesma, bem como da cartilha “O conceito de Trabalho e o cotidiano”, seja aproveitado para a criação de oficina sobre o conceito sociológico de Trabalho e as suas implicações na vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. (Mundo do trabalho).

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações da era do trabalho na era da mundialização do capital**. Educação & Sociedade, vol 25, número 87, mayo-agosto. 2004, pp 35-351. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. Revista Educação em Questão, v. 52, n. 38, p. 61 80, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Lisboa:Edições 70, 1977, 229 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília. 2018.

Disponível em:

<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf)>.

Acesso em:10 de março de 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

BONOTTO, Danusa de Lara. et al. **Pesquisa Documental**: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. IN: Investigação Qualitativa em Educação 2015, pp. 243-247.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução: Kaluss Brandini Gerhardt. v. II. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CELLARD, André. **A Análise documental**. IN: A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos/ tradução Ana Cristina Naser. 3. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 - (Coleção Sociologia).

CIAVATTA, Maria. A Formação Integrada: A escola e o trabalho como lugar de memória e identidade. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/325954886\\_A\\_FORMACAO\\_INTEGRADA\\_A\\_ESCOLA\\_E\\_O\\_TRABALHO\\_COMO\\_LUGARES\\_DE\\_MEMORIA\\_E\\_DE\\_IDENTIDADE](https://www.researchgate.net/publication/325954886_A_FORMACAO_INTEGRADA_A_ESCOLA_E_O_TRABALHO_COMO_LUGARES_DE_MEMORIA_E_DE_IDENTIDADE)>.

Acesso em: março de 2021

CORTELLA, Mário Sérgio. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética**. 6ª ed. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2009.

COSTA, A. C. G. da. **O protagonismo juvenil passo a passo**: Um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. 3. ed., Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORMOSINHO, João; MACHADO, Joaquim. Currículo e Organização: As equipas educativas como modelo de organização pedagógica. Braga: Universidade do Minho, Currículo sem Fronteiras, v.8, n.1, pp.5-16, Jan/Jun 2008.

FRIGOTTO, G.; GAMA, Z.; ALGEBAILLE, Eveline; MOTTA, Vânia da; Plano de Metas da Educação do Rio de Janeiro: do economicismo ao cinismo. Publicado em: 13 jan. 2011. Disponível em:

<<http://www.uff.br/observatoriojovem/materia/plano-de-metas-da-educa%C3%A7%C3%A3o-do-rio-de-janeiro-do-economicismo-ao-cinismo>>. Acesso em: 19 out. 2013.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em ciências humanas. Brasília: Líber Livro, 2005.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos.** Paidéia, 2003,12(24), 149-161.

GRABOWSKI, Gabriel; KUENZER, Acácia Zeneida. **A produção do conhecimento no campo da Educação Profissional no regime de acumulação flexível.** Holos, v. 6, p. 22-32, 2016. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4983>>. Acesso em: dezembro de 2018.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2018 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais.** - Rio de Janeiro: IBGE, 2018. 151 p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 39)

LOPES, Márcia Helena Carvalho; RIZZOTTI, M<sup>a</sup> Luiza Amaral. **Covid e Proteção Social: A Contribuição do Sistema Único de Assistência Social – SUAS.** IN: Capitalismo e a Covid-19. Org: Daniel Castro, Danilo Dal Seno, Marcio Pochmann. São Paulo:2020. Disponível em: <[abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf](http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf)>. Acesso em: 14 de março de 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAURICIO, L. V. **Políticas públicas, tempo, escola.** In: COELHO, L. M. C. C. (Org.).

Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo. Petrópolis, RJ: DP et Alli, 2009a. p. 53-68.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna.** Tradução de Newton Ramos de Oliveira; 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MEKSENAS, Paulo. Sociologia. Coleção Escola e Participação. São Paulo:Edições Loyola. 14a ed., 2010.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro.** 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. **Politecnicia e formação integrada**: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. Revista Brasileira de Educação v. 20 n. 63 out.-dez. 2015.

RIO DE JANEIRO. **Decreto nº 47.006 de 27 de março de 2020**. Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391908>> Acesso em: agosto de 2020.

SEEDUC-RJ. **Currículo Mínimo – Sociologia - Ensino médio**. Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: SEEDUC-RJ, 2011. Disponível em: <<https://cedcrj.files.wordpress.com/2018/03/sociologia.pdf>>. Acesso: 10 jul. 2020.

SAVIOLI, M. et al. **Considerações sobre a elaboração e a comunicação do conhecimento científico**. São Paulo, 1986. mimeo. [Material elaborado para curso de Especialistas em Homeopatia].

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. **O Ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil**: histórico e perspectivas. In: Sociologia: Ensino Médio/Coordenação Amaury César Moraes. – Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, p. 304 : il. (Coleção Explorando o Ensino ; v. 15), Brasília, DF, 2010.

SILVA, Luciana Caetano. **Neoliberalismo em Xequê, Mais Uma Vez**. IN: Capitalismo e a Covid-19. Org: Daniel Castro, Danillo Dal Seno, Marcio Pochmann. São Paulo:2020. Disponível em: <[abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf](http://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf)>. Acesso em: 14 de março de 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TIMBÓ, Noeme Viana. **Manual para projeto de pesquisa**: Segundo ABNT NBR 15287. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002. Revisado em 2012. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/biblioteca/servicos/manual-para-projeto-de-pesquisa> >. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

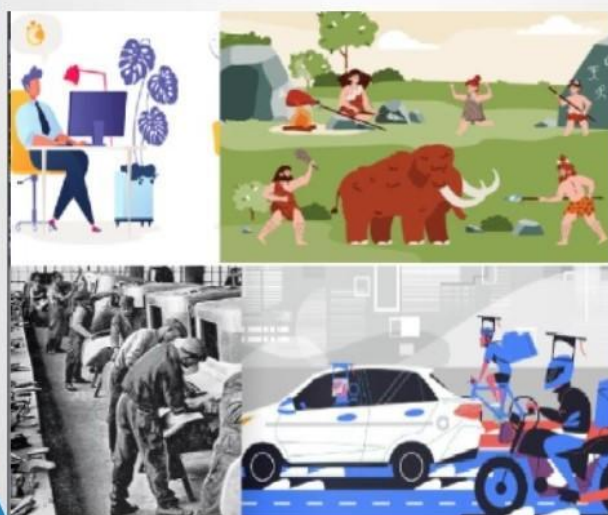
TUMOLO, Paulo Sergio. **Trabalho**: categoria chave e/ou princípio educativo? O trabalho como princípio educativo diante da crise da sociedade do trabalho. In: Perspectiva. Florianópolis, vol. 14, n. 26, p. 39-70, jul/dez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Trabalho, educação e perspectiva histórica da classe trabalhadora**: continuando o debate. In: Revista brasileira de educação. Vol. 16. n. 47 - maio-ago, 2011.

VIA RÁPIDA. **História do emprego e as relações no mundo do trabalho**. 2016. (11m35s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hfcp6qSjqxg>>. Acesso em dezembro de 2020.

## APÊNDICES:

### APÊNDICE I – PRODUTO EDUCACIONAL:



O conceito de  
Trabalho e o cotidiano.

Autora: Sheilayne Carneiro da Silva.

Orientador: Dr. Chrystian Carlétti

Esta cartilha é um Produto Educacional resultado da pesquisa intitulada "O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: Um estudo sobre o conceito de Trabalho e suas implicações na vida em sociedade" da Dissertação de Sheilayne Carneiro da Silva, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

**Autores:**

**Sheilayne Carneiro da Silva**

**Chrystian Carlétti**

O trabalho "O conceito de Trabalho e o cotidiano" de Sheilayne Carneiro da Silva e Chrystian Carlétti está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](#).



## APRESENTAÇÃO

Olá! Esta cartilha foi elaborada para te auxiliar no estudo do conceito sociológico Trabalho. Ela é destinada a estudantes do ensino médio e vai te auxiliar nas aulas de Sociologia.

Esse foi o assunto escolhido por estar presente tanto no currículo escolar quanto no dia a dia dos estudantes do ensino médio. Outro fator relevante para a escolha foi o fato de a autora lecionar a disciplina Sociologia em uma instituição com turmas para as quais é oferecido o curso técnico em Administração com ênfase em Empreendedorismo.

Percebeu-se que seria importante a criação de meios que tornassem o ensino da disciplina mais acessível, inclusive no que diz respeito à linguagem aplicada. Foi buscando alcançar esse objetivo que se deu a elaboração de um produto educacional possível de ser utilizado mesmo em ambientes com estrutura que careça de investimento em tecnologia.

Esta cartilha foi elaborada em meio à maior pandemia do último século, causada pelo coronavírus (Covid-19), na qual o ensino à distância tornou-se uma realidade pela necessidade de distanciamento social, visto que a doença não se trata de uma "gripezinha", como classificada por quem ocupava o mais elevado cargo da República à época, tendo sido eleito no pleito de 2018, como pode ser observado em vídeo disponibilizado pela BBC (2020) que destaca partes de pronunciamentos em cadeia nacional e coletiva de imprensa que ocorreram nos dias 20 e 24 de março de 2020.

## VAMOS FALAR SOBRE:

Apresentação.....	03
Você já se perguntou como o Trabalho surgiu?.....	05
A exploração originou a escravidão.....	06
Feudalismo e sua nova ordem social.....	08
O trabalho na sociedade capitalista.....	10
Como a alienação do trabalho pode interferir na vida do Trabalhador?.....	13
Por que há tantos desempregados?.....	16
O modo de produção sempre foi igual?.....	18
Como a inserção de novas tecnologias influenciou o mundo do trabalho no século XXI?.....	22
Trabalho análogo à escravidão (ou Escravidão Contemporânea).....	26
Referências Bibliográficas.....	24
Lista de Imagens.....	29

## Você já se perguntou como o Trabalho surgiu?



Figura 1 - Trabalho Primitivo: Quando a atividade laboral era coletiva em prol da sobrevivência

O trabalho é algo que sempre fez parte da vida do homem. Ele serviu, desde seu surgimento, como meio de sobrevivência, pois o ser humano precisa se alimentar para manter-se vivo, por exemplo. Para isso, no período conhecido como Pré-história, fazia-se necessário caçar nas chamadas sociedades primitivas.

O trabalho se aproxima do atual formato em que o conhecemos quando, em vez de "apenas" buscar os meios que possibilitem a própria existência, alguns começam a explorar a mão de obra dos outros, tendo por objetivo a acumulação pessoal de riquezas.

## A exploração originou a escravidão.



Figura 2 - Escravidão: desumanizando indivíduos também pela exploração da mão de obra.

O que antes acontecia de maneira igualitária entre os grupos sociais passou a ser utilizado para demonstração de poder. Assim, no lugar de uma divisão de trabalho que buscasse o bem-estar de todos que pertencessem ao grupo, passou-se a perceber a acumulação individual daquilo que antes era destinado à sobrevivência comum.

Quando aquele que tem mais poder sobre o grupo passa a ter como objetivo acumular em benefício próprio o que era produzido (porque isso significaria riqueza naquele período da História), os que não detinham os meios para fazer o mesmo ficavam em situação de subordinação.

Dessa maneira, com o passar do tempo, o trabalho deixa de ser caracterizado como uma relação igualitária, dando origem à exploração. Esta foi concretizada por meio

da escravidão dos que ocupavam posição social hierarquicamente inferior.

No Brasil, esta exploração foi tão profunda que, segundo o IBGE (2018), ainda há, em pleno século XXI, influência deste uso abusivo de mão de obra no mercado de trabalho; por exemplo, quando observamos a diferença salarial entre brancos e negros. Quando observamos quem são os que ganham salários menores, percebemos que os negros são 75,2% desta população. Já entre os que têm melhores salários, as pessoas brancas são 70,6%, enquanto apenas 27,7% das pessoas que pertencem a esse grupo são negros.

A escravidão perde espaço com o desenvolvimento de novas formas de trabalho. No entanto, isso não significa dizer que o que passa a existir deixa de ser exploração. O que ocorre é que ela se dá de outras maneiras. Vejamos.

Fica a Dica: Documentário "Escravidão no Brasil – Parte I" (Direção: Alexandre Fischgold, 2021, Tv Justiça).  
Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=MTfBJkmbSzY>

## Feudalismo e a sua nova ordem social.



Figura 3 - *As Riquíssimas Horas do Duque de Berry*, de Jean DUFOURNET, Paris, Bibliothèque de l'image, 1995.

O feudalismo diz respeito a um tipo de organização social, na qual determinados setores eram privilegiados.

Esse sistema era estruturado a partir da propriedade da terra, uma vez que estava inserido em um contexto de dependência econômica e social da agricultura. Ele era formado por estamentos, que são equivalentes ao que conhecemos em sociedades capitalistas como classes sociais, porém determinados no nascimento do indivíduo.

Esses estratos sociais eram divididos em nobreza (reis, rainhas, etc.), clero (sacerdotes eclesiásticos), burguesia (comerciantes) e servos (indivíduos que, através de seu trabalho, sustentavam os demais estamentos). Era muito difícil haver mobilidade social; ou seja, a possibilidade de um indivíduo que pertencesse a um grupo social passasse a fazer parte de outro.

Esta ordem social antecedeu à sociedade capitalista.

Quando os feudos deixaram de ser espaços de produção coletiva, tornando-se campos para a produção individual, através do **cercamento** (divisão da terra em áreas menores para o cultivo), houve perda de espaço por parte dos camponeses, e as terras passaram a ser arrendadas pelos capitalistas.

Com o passar do tempo, os senhores feudais passam a produzir mercadorias, e este processo dá origem às relações comerciais.

## O trabalho na sociedade capitalista.



Figura 4 – Quem vende sua força de trabalho é que gera o capital.

Nas sociedades que adotam o capitalismo como modelo de sistema econômico, social e político que irá reger as relações, o trabalho tem a função de servir à **acumulação de riquezas**.

E como isso se dá?

A partir de elementos que são inseridos no cotidiano para tornar possível que o objetivo maior desse sistema seja alcançado. É sobre isso que vamos falar aqui.

Neste tipo de organização social, os indivíduos são divididos basicamente em dois grupos: os capitalistas (os donos dos meios de produção) e os trabalhadores (aqueles que têm na venda do seu trabalho o único meio para sobreviver).



O sociólogo que é a maior referência ao tratar desse assunto é Karl Marx e, para ele, todas as relações existentes na sociedade partem da separação entre aqueles que detêm os instrumentos para produzir mercadorias e os que não as têm e que, por isso, trabalham na produção delas. A partir dessa diferenciação, surge o que o pensador chama de **luta de classes**.

Esta se refere a uma constante tensão na sociedade, na qual, de um lado, estão os que têm o poder de contratar e demitir e, do outro, os que possuem apenas a própria mão de obra.

É a partir disso que todas as relações sociais se estabelecem e a sociedade se compõe. Isso influencia até mesmo a qualidade de educação que cada grupo social receberá, no contexto em que parte do sistema recebe instrução de acordo com o papel a que está "destinado" no mercado de trabalho para a classe a que pertence.

Por esse motivo é importante fazer a seguinte pergunta: "A quem interessa, por exemplo, que as escolas públicas recebam investimentos menores que o necessário para um bom funcionamento?".

Quando as máquinas são inseridas na produção de mercadorias, principalmente a partir do que conhecemos como Revolução Industrial, aqueles que não dispõem do capital para adquiri-las passam também a não conseguir competir no comércio daquilo que fabricam. Como resultado da industrialização, os que manufacturavam em pequenas quantidades deixam de fazê-lo por não conseguirem competir com os grandes fabricantes e procuram se inserir no setor fabril.

Nesse processo, o trabalhador que antes elaborava a sua mercadoria por completo deixa de ser dono da produção completa e, assim, perde o domínio sobre seu produto, visto que passa a ser responsável apenas por uma parte do de-

envolvimento do produto final. Um sociólogo chamado Émile Durkheim deu a tal fenômeno o nome de **Divisão Social do Trabalho**.

Karl Marx disse que isso causa a **alienação do trabalho**, pois o trabalhador participa apenas de uma parte da produção e não tem domínio do todo. Assim, ele nem se percebe como alguém que fez parte do produto final, porque, por exemplo, na montagem de um computador, ele é responsável apenas por apertar determinados parafusos.

Fica a Dica: Documentário "Linha de Desmontagem" (Direção: André Costantin e Daniel Herrera, 2011) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cT5iAJZ853c>

### **Como alienação do trabalho pode interferir na vida do trabalhador?**

Ao não identificar a influência do próprio trabalho no produto final, o trabalhador também não se vê como parte daquilo e, conseqüentemente, do capital em que a mercadoria será convertida quando for ser vendida.

13

Segundo Marx, é esta a principal fonte da acumulação de riquezas no capitalismo. E ela acontece devido à existência de algo que o sociólogo denominou **mais-valia**, que diz respeito à diferença entre o que o trabalhador produz através do seu trabalho e o lucro que o empregador tem ao comercializar a mercadoria produzida.

Na prática, isso ocorre da seguinte forma: o empregador contrata o trabalhador, por exemplo, pelo valor de quarenta reais por dia. O resultado do dia trabalhado em mercadorias produzidas por este funcionário corresponde a duzentos reais. Os cento e sessenta reais de diferença (resultado da conta "R\$200,00 - R\$40,00") dizem respeito à mais-valia.

A partir da alienação do trabalho, facilita-se a exploração realizada pela burguesia sobre a atividade exercida. Se o trabalhador não sabe o impacto da sua colaboração no montante final que representa a acumulação de riquezas, não há como ele se achar merecedor de ganhos

maiores, já que passou pelo que Marx denominou de **reificação**, que é a valorização das coisas e desumanização dos indivíduos que vendem sua força de trabalho para os donos dos meios de produção.

Conseqüentemente, os trabalhadores não percebem a possibilidade de uma diminuição da diferença entre a parte destinada ao pagamento de quem de fato produziu a mercadoria e o lucro obtido por quem pagou para que algo fosse confeccionado e comercializado.

Como resultado de todo esse processo, temos a desumanização dos indivíduos, já que passam a ser apenas meio para a fabricação de bens; em contrapartida, no cotidiano, eles próprios buscam a sensação de pertencimento através de bens, isso porque existe o **fetichismo da mercadoria**. Este se materializa no dia a dia quando, por exemplo, uma pessoa se dispõe a comprar um celular da "marca X" para pertencer a um determinado grupo, mesmo que precise parcelá-lo em trinta e seis vezes em uma rede varejista.

Mas você pode estar se perguntando o seguinte: e se o trabalhador conseguir superar a alienação a que foi submetido e perceber que seu trabalho não é remunerado como devido, pois é ele quem fabrica o que é comercializado para gerar o lucro?

Neste caso, devemos observar outro elemento que naturalizamos no cotidiano: a existência de indivíduos desempregados.

Fica a Dica: Filme "Tempos Modernos" (Chaplin, 1936) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cT5iAJZ853c>

## Por que há tantos desempregados?



Figura 5 - Exército de reserva é peça fundamental para a manutenção do capitalismo.

No capitalismo, é necessário que haja pessoas fora do mercado de trabalho. Este cenário é um dos elementos necessários para o seu funcionamento. Isso porque aqueles que detêm os meios de produção pre-

cisam que existam indivíduos em constante procura de emprego. Isso é o que se classifica como **exército de reserva**.

A partir do momento que existe um "banco de reservas" no mundo do trabalho, aqueles que estão empregados aceitarão, por exemplo, a perda de direitos, porque precisam manter a sua vaga de emprego.

Sinal disso é a constante aceitação da chamada **flexibilização**. Ela se materializa em nosso cotidiano com reformas trabalhistas que, com o discurso de que as perdas de direitos que elas trazem serve para manter empregos, fazem com que os indivíduos aceitem trabalhar sem as garantias que tinham antes.

De tal modo, surgem os chamados **terceirizados**. Os trabalhadores com esse "status" são aproveitados em empresas com as quais não mantêm nenhum vínculo empregatício. Elas se utilizam da mão de obra desta categoria para diminuir os gastos com folha de pagamento e, assim, obter maior acumulação de capital.

## O modo de produção sempre foi igual?

Não. Com o passar do tempo e dos múltiplos períodos históricos que resultaram das mudanças sociais, o mundo do trabalho também passou por modificações, até chegarmos ao ponto que veremos a seguir, no qual falaremos da inserção das tecnologias do século XXI que influenciam na maneira como trabalhamos atualmente.

A primeira busca por modernização do modo de produção na busca de um processo de acumulação ainda mais eficiente teve o nome de **Taylorismo**. O objetivo era tornar as etapas de produção cada vez mais fragmentadas, pois, assim, ao tornar-se mais especializado em uma pequena etapa da fabricação de determinada mercadoria, o trabalhador passaria a fazer aquilo mais rápido e com maior qualidade.



O resultado era menor gasto de tempo tanto aprendendo a atividade que desenvolveria quanto colocando o que aprendeu em prática. A produção aumentava, assim como os lucros.

Mais uma característica é que a subordinação do trabalhador também aumentava, tendo em vista ele ter dominado uma pequena etapa, podendo ser substituído facilmente.

Outra maneira de tornar a produção mais eficiente foi o **Fordismo**, sendo uma amplificação do Taylorismo, também com o objetivo de tornar o processo produtivo ainda mais lucrativo. Então, manteve do modo de organização anterior, a especialização da mão de obra que gerava diminuição de tempo gasto e maior produtividade com menor esforço e acrescentou a isso a esteira rolante. O resultado foi ainda mais agilidade, pois o deslocamento pela fábrica para buscar materiais e mercadorias para executar sua tarefa não seria mais necessário.



Figura 6 – Fordismo: Inserção de esteiras rolantes que aumentavam o fluxo de produção dando agilidade.

Nesse molde, a produção se dava em massa; ou seja, a fabricação era padronizada e em larga escala. Isso levava os gastos com a produtividade a níveis ainda menores. A diferença característica do Fordismo foi enxergar no trabalhador um possível consumidor daquilo que produzia. Tal sistema de organização estabeleceu carga horária de oito horas e salários um pouco maiores.

Já que se buscava aumento de produção, era preciso que houvesse mais gente consumindo.

No sentido contrário ao estabelecido no Taylorismo e no Fordismo, o **Toyotismo** teve como marco a produção de mercadorias conforme a demanda. Houve também a percepção de que o trabalhador precisava ser mais inserido na produção para que ela fosse melhor, assim como o exercício de múltiplas tarefas, a variedade na produção e a busca por produtos de melhor qualidade.



Figura 7 – No Toyotismo, investe-se na produção com melhor qualidade.

Enquanto no Fordismo se apostava nas produções em larga escala, no Toyotismo a regra era não acumular estoque, pois o objetivo era evitar perdas desnecessárias.

### **Como a inserção de novas tecnologias influenciou o mundo do trabalho no século XXI?**

Como dito no tópico anterior, a introdução de novas tecnologias sempre foi usada para beneficiar os donos do capital e dos recursos capazes de fazê-los acumular ainda mais. Isso não mudou; afinal de contas, o modo de concentrar riquezas pode modificar com o tempo, mas o objetivo permanece o mesmo.



Figura 8 – Tecnologia a serviço do capital.

Atualmente, utilizamos novas tecnologias, pois vivemos em um mundo globalizado onde o avanço de recursos de comunicação afetou a vida em sociedade como um todo. No mundo do trabalho não seria diferente.

Quando falamos da inserção da internet nas atividades laborais, vemos surgir mais uma classificação neste sentido. Esta nova denominação é o que o sociólogo Ricardo Antunes chamou de **uberização**.



Figura 9 - Combinação entre acesso aos meios digitais e subordinação sem vínculo empregatício.

Ela diz respeito à união entre o acesso aos meios digitais e a subordinação daqueles que precisam trabalhar, mas não encontram vagas no mercado traba-

lhar e, por isso, sujeitam-se à prestação de serviços sem vínculo empregatício.



Figura 10 - Trabalho precarizado: exploração que finge ser empreendedorismo.

A ideia que o mercado quer passar é que essa dinâmica constitui uma nova forma de empreender, quando, na verdade, ela se refere à utilização de mão de obra barata e precarizada, já que o trabalhador não tem nenhum direito trabalhista enquanto fornece, além da própria força de trabalho, as ferramentas para executar a função.



Figura 11 - Escravidão digital: utilização de mão de obra barata e precarizada.

Antunes classifica esse tipo de relação trabalhista como **escravidão digital**, já que os indivíduos trabalham sem carga horária estabelecida, sem assistência das empresas de aplicativo (sejam elas de mobilidade ou entrega de comida) ou garantias mínimas. Em troca da execução do trabalho, o que recebem é uma pequena parte do capital que geram para a empresa.

Chamar essas pessoas de prestadores de serviço serve para que eles deixem de ter até mesmo a identidade de trabalhadores, pois esta classe diz respeito a um grupo a quem é resguardada uma série de direitos.

Fica a Dica: Curta-metragem "Vidas Entregues" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cT5iAJZ853c> (Direção: Renato Prata Biar, 2019)

## Trabalho Análogo à Escravidão (ou Escravidão Contemporânea)



Figura 12 – Trabalho análogo à escravidão: A desumanização em pleno século XXI

Na atualidade, existem leis que asseguram que condições mínimas de dignidade humana sejam respeitadas também no ambiente de trabalho de trabalho. Quando isso não acontece, pelo fato da escravidão não ser mais legal (no sentido de estar de acordo com a lei como já foi até 1888, ano em que ocorreu a abolição da escravidão institucionalizada, ou seja, com a autorização do Estado), dizemos que esse **trabalho é análogo à escravidão**



O que o caracteriza é a realização de atividade laboral de maneira obrigatória; em ambiente em que não há condições sanitárias mínimas de higiene; desrespeito à carga horária, o que pode levar a problemas físicos irreversíveis; e a restrição da liberdade.

No Brasil, submeter alguém à essas condições é crime previsto no artigo 149 do Código Penal Brasileiro.

Fica a Dica: Documentário "Precisão" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s8ipdQMJmTo>  
(Organização Internacional do Trabalho e Ministério Público do Trabalho, 2019)

## Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas do estranhamento (Alienação)**. Caderno CRH, n. 37, Salvador, 2002.

\_\_\_\_\_. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital** / Ricardo Antunes. - 2. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020. (Mundo do trabalho).

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. **As mutações da era do trabalho na era da mundialização do capital**. Educação & Sociedade, vol 25, número 87, mayo-agosto. 2004, pp 35-351. Centro de Estudos Educação e Sociedade. Campinas, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87314215003>>. Acesso em: janeiro de 2021.

BBC. **2 vezes em que Bolsonaro chamou covid-19 de gripezinha', o que agora nega**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>>. Acessado em março de 2021.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

IBGE. **Tabela 3.1 - Distribuição percentual da população, por classe percentual de pessoas em ordem crescente de rendimento mensal real domiciliar per capita, e cor ou raça, com indicação do coeficiente de variação, segundo Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2018**. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?edicao=25845&t=downloads>>. Acessado em: junho de 2021.

JUNIOR, Hilário Franco. **O Feudalismo**. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro 1, v.1. (1.ed., 1867). 3.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. Tradução: Rubens Enderle.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Ática, 1987.

TAYLOR, Frederick Winslow (1987). **Princípios de administração científica**. São Paulo: Atlas.

## Lista de Imagens

Figura 1 - Trabalho Primitivo: Quando a atividade laboral era coletiva em prol da sobrevivência. Disponível em: <[https://br.freepik.com/vetores-premium/vida-pre-historica-das-pessoas-no-assentamento-da-tribo-primitiva-homens-cacando-mamute-e-criancas-brincando-ilustracao\\_7812150.htm#page=1&query=sociedade%20primitiva&position=1](https://br.freepik.com/vetores-premium/vida-pre-historica-das-pessoas-no-assentamento-da-tribo-primitiva-homens-cacando-mamute-e-criancas-brincando-ilustracao_7812150.htm#page=1&query=sociedade%20primitiva&position=1)>. Acesso: jul/2021.

Figura 2 - Escravidão: desumanizando indivíduos também pela exploração da mão de obra. <Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/crushing-coffee-suriname-old-illustration-created-90052981>>. Acesso: jul/2021.

Figura 3 - *As Riquíssimas Horas do Duque de Berry*, de Jean DUFOURNET, Paris, Bibliothèque de l'Image, 1995. Disponível em: <<https://artrianon.com/2017/01/24/obra-de-arte-da-semana-o-manuscrito-les-tres-riches-heures-du-duc-de-berry/>>. Acesso: jul/2021.

Figura 4 - Quem vende sua força de trabalho é que gera o capital. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-vector/capitalism-vector-illustration-flat-tiny-economic-1344378383>>. Acesso: jul/2021.

Figura 5 - Exército de reserva é peça fundamental para a manutenção do capitalismo. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-vector/vector-crowd-people-different-occupations-standing-1734531401>>. Acesso: jul/2021.

Figura 6 - Fordismo: Inserção de esteiras rolantes que aumentavam o fluxo de produção dando agilidade. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/car-manufacturer-587205803>>. Acesso: set/2021.

Figura 7 - No Toyotismo, investe-se na produção com melhor qualidade. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/engineer-check-control-welding-robotics-automatic-1154438635>>. Acesso: set/2021.

Figura 8 - Tecnologia a serviço do capital. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/businessman-using-tablet-analyzing-sales-data-1169956426>>. Acesso: set/2021

Figura 9 - Combinação entre acesso aos meios digitais e subordinação sem vínculo empregatício. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/drivertransport-business-trip-destination-people-concept-717053644>>. Acesso: set/2021.

Figura 10 - Trabalho precarizado: exploração que finge ser empreendedorismo. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/madrid-spain-may-19-2020-delivery-1748638307>>. Acesso: set/2021.

Figura 11 - Escravidão digital: utilização de mão de obra barata e precarizada. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/girls-hands-tied-charging-cord-smartphone-2034977039>>. Acesso: set/2021.

Figura 12 – Trabalho análogo à escravidão: A desumanização em pleno século XXI. Disponível em: <<https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/concept-poverty-child-labor-children-who-1616258182>>. Acesso: set/2021

## **APÊNDICE II – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS**

1. Roteiro do grupo focal realizado após exibição do vídeo “Histórias do emprego e as relações do mundo do trabalho” (VIA RÁPIDA, 2016).

Atualmente, por causa da inserção de novas tecnologias no nosso cotidiano, muitas áreas das nossas vidas vêm sofrendo mudanças de maneira veloz. É sobre isso também que o vídeo que assistimos fala, mas levantando a discussão a respeito de um tema específico. Sendo assim, responda:

- a) A qual conteúdo ele se refere? Qual elemento específico te fez perceber isso?
  - b) O que acharam da maneira como o vídeo aborda o tema?
  - c) Vocês conseguem identificar conceitos a partir dele? Quais?
  - d) Baseado em tudo que vocês estudaram em Sociologia, como vocês conceituariam o tema abordado?
  - e) De forma prática, qual é a importância de se estudar esse assunto? Qual é a influência desse tema no cotidiano?
2. Realização de Atividade: Elabore texto de 10 linhas respondendo às seguintes perguntas: (i) o que você entende como conceito de Trabalho? (ii) Como você percebe que este conceito se manifesta no cotidiano?

## **APÊNDICE III– FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL**<sup>26</sup>

Validação do Produto Educacional "O conceito de Trabalho e o cotidiano".

Todas as respostas fornecidas neste formulário são para fins ligados à pesquisa e não têm relação com avaliação disciplinar ou qualquer coisa que influencie na sua vida escolar. Por isso é importante que a sua resposta seja sincera para que a pesquisa demonstre a realidade. O objetivo aqui é pensar sobre o Produto Educacional e, neste sentido, você está colaborando com o desenvolvimento de pesquisa na área da Sociologia. Deste modo, não há interesse na identificação dos participantes.

Desde já, agradeço imensamente a sua participação.

1) Este Produto Educacional é um instrumento para estudarmos sobre o conceito de trabalho e como ele influencia na nossa vida cotidiana. Você já havia estudado sobre este assunto?

Sim  Não

2) O Produto Educacional expõe os conceitos sociológicos ligados ao Trabalho utilizando uma linguagem fácil/acessível?  Sim  Não

3) Você já havia pensado sobre como o Trabalho influencia na vida em sociedade?

Sim  Não

4) O Produto Educacional te trouxe uma perspectiva diferente da que tinha antes?

Sim  Não

5) O conteúdo do Produto Educacional é adequado para estudar o conceito de Trabalho na disciplina de Sociologia?

Sim  Não

6) Você acha que o Produto Educacional pode servir como fonte de consultas individuais para alunos do ensino médio?

Sim  Não

7) Você incluiria algum outro elemento gráfico, além das imagens e charge que já se encontram no Produto Educacional?

Sim  Não

8) Os assuntos abordados sobre o tema Trabalho foram tratados de maneira sucinta/resumida?

Sim  Não

9) A maneira como os assuntos foram abordados foram satisfatórios?

Sim  Não

---

<sup>26</sup> Devido à Pandemia do Covid-19, a Validação do Produto Educacional foi realizada via Google Meet e Formulário Google Forms que pode ser acessado pelo link <https://forms.gle/wsR8MD1kewKzBryY8>

10) O Produto Educacional “o conceito de Trabalho e o cotidiano” serve como material de consulta para jovens que estão no ensino médio estudando esse tema?

( ) Sim ( ) Não

Seção 2 - Contribuição um pouco mais detalhada.

Aqui preciso de respostas que darão mais detalhes.

11) Como o Produto Educacional pode contribuir para os seus estudos?

\_\_\_\_\_

12) A apresentação do Produto Educacional expondo os assuntos relacionados ao conceito sociológico de Trabalho te ajudou a pensar criticamente a respeito do tema? Justifique.

\_\_\_\_\_

13) Faça uma crítica ou sugestão que possa contribuir para o aperfeiçoamento do Produto Educacional.

\_\_\_\_\_

## **APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL**

O Grupo Focal foi realizado à distância, via plataforma Google Meet, devido ao isolamento social necessário para conter a pandemia da COVID-19. Neste período de instabilidade sanitária foi importante a adoção dessa, pois o país ocupou a segunda posição no ranking dos países com mais mortes.

**Moderadora:** Olá, pessoal! Quero começar agradecendo a vocês pela disposição em participar dessa pesquisa que preciso fazer para concluir o mestrado. Como já informei pra vocês ao fazer o convite e como está nos termos de participação que me entregaram, vocês podem parar de participar a qualquer momento e isso não vai trazer nenhum tipo de prejuízo a vocês, da mesma forma que a participação não é condição para aprovação ou qualquer outro benefício que não seja o aprendizado. Isso ficou claro?

**Discente D:** Ficou sim.

**Discente A:** Sim.

**Discente G:** Pra mim também.

**Moderadora:** Então tá. Vamos começar. Primeiro ano foi quando vocês começam a ter aula de Sociologia. Não foi?

**Discente D:** Pra mim sim.

**Moderadora:** Vocês estão conseguindo me ouvir bem ou está muito eco, muito barulho?

**Discente D:** Não, pra mim está bom.

**Discente G:** Tá bom.

**Discente A:** Tá bom.

**Moderadora:** Então, no primeiro ano, a gente vê conceitos que introduzem a Sociologia e por isso também é interessante falar com vocês que estão terminando agora o primeiro ano. O conceito que vamos ver aqui vocês vão estudar de fato na Sociologia ano que vem. Então, qual é a proposta aqui? A proposta aqui não é que vocês saibam tudo. Pelo contrário. Para mim é interessante que vocês nunca tenham visto esse conceito específico para vocês me ajudarem a perceber como gostariam de estudá-lo no ano que vem. Deu para entender? Porque, no final dessa pesquisa, o que eu vou ter é, a partir das necessidades de vocês, eu vou montar um material a respeito do conceito de trabalho para que, além de apresentar como trabalho final do mestrado, para que eu consiga também, depois, aplicar isso nos segundos anos em que eu vá dar aula. E aí, por ser uma pesquisa, outros professores que também lerem, por exemplo, o artigo que vai ser publicado e quiserem usar esse material nas turmas deles poderão fazer isso. Tendo como objetivo fazer com que a Sociologia seja algo fácil de entender, simples e prazeroso. Deu pra entender?



**Discente D:** Deu, deu.

**Discente A:** Deu sim.

**Moderadora:** Esse primeiro momento da pesquisa vai ser mais, assim, de bate-papo entre a gente e depois trago o material pra vocês. Então, mais uma vez, não existe obrigatoriedade na participação. Então vamos lá! Eu vou passar um vídeo de onze minutos. Ia ser um filme de uma hora e meia, só que uma hora e meia aqui, via Meet, ia ficar bem complicado. Se fosse pessoalmente a gente fazia um encontro com filme, depois um de bate-papo e tal. Como vai ser tudo aqui, vou passar esse filme de 11 minutos, bem resumido, que já dá pra dar uma introduzida sobre o que a gente vai trabalhar na pesquisa. Pode ser? Todo mundo aqui?

**Discente D:** Sim, estamos.

**Moderadora:** Então tá!

Neste momento, pausamos o diálogo para que o vídeo “Histórias do Emprego e Relações de Trabalho no Mundo” fosse exibido.

**Moderadora:** Vocês viram que o vídeo fala sobre um conceito específico. E aí, ele vai apontando do surgimento desse tema específico até os dias de hoje com a inserção de um elemento sendo colocado no cotidiano dessas pessoas. Sobre qual conteúdo esse vídeo se refere especificamente? Qual elemento específico dele fez vocês entenderem sobre o que ele fala?

**Discente A:** Então, sobre o que o vídeo fala é sobre a história do trabalho, sobre o trabalho e deu sim pra entender o que ele queria passar. E teve mais uma pergunta que você fez, né?

**Moderadora:** É. Qual elemento específico, seja ele visual ou pelo que as pessoas falam, que te fez captar assim a mensagem como um todo? Teve alguma coisa específica?

**Discente G:** O vídeo todo.

**Moderadora:** É, mas teve uma parte específica que te fez entender do que se tratava?

**Discente A:** Acho que foi, assim, a participação daquelas pessoas, né, a mulher e o homem, que ali eu acho que eles dois, eles meio que representaram a população que, assim, não sabe o que vem por trás do trabalho. É, igual a mulher falando que acha injusto uma pessoa que trabalha embarcado que fica quinze dias lá e quinze dias com a família, né!? Só que na verdade, foi o que o homem falou, por trás desses quinze dias da pessoa que trabalha embarcada, na plataforma ou em outro lugar, fica sem a família, né!? E tem que dar o sangue ali porque eu vejo, meu pai trabalha embarcado e conheço outras pessoas também que trabalham embarcados. E também tem o lado dos professores que, às vezes, trabalham doze horas por dia. Não dentro da sala [de aula], mas também fora de sala, em casa estudando o que vai passar pros alunos e a gente vê que essas duas pessoas foram figuras importantes nesse vídeo.

**Moderadora:** Já que o seu pai trabalha assim, ele tem uma jornada de trabalho específica? Como será que é a rotina do seu pai embarcado? Tem um horário específico de trabalho, por exemplo, das 10h às 18h?

**Discente A:** No caso do meu pai, ele não trabalha em escala, né? É, tipo, ele está aqui em casa, aí vai o pessoal liga pra ele e ele tem que arrumar a mala correndo e, no outro dia, vai fica no hotel em Cabo Frio pra depois embarcar. Então, é muito corrido e meu pai conta que, às vezes, nem dá tempo de almoçar, dorme tipo quatro horas por dia, muito rápido, sabe?

**Moderadora:** Sim.

**Discente A:** É muito louco, né, a situação da pessoa que trabalha embarcada. E olha que meu pai não é gerente nem nada do tipo. Imagina se ele fosse, seria acho que bem pior.

**Moderadora:** Entendi. Mais alguém querendo dizer qual foi a parte do vídeo que te chamou mais atenção? Teve uma específica? Se não teve, também pode dizer.

**Discente G:** Professora, agora to tendo que ficar com minha prima aqui. Calma aí.

**Moderadora:** Entendi.

**Discente D:** Então, a parte que me chamou atenção no vídeo foi aquela que tem uma foto que fala “salários dignos!”, “todos ao sindicato!”<sup>27</sup>. Porque, tipo assim, foi o que falou, né, que eles [os donos dos meios de produção] tinham as máquinas, mas ainda precisavam dos trabalhadores. Só que aí, tipo assim, a mão de obra era muito barata. O que mais me chamou atenção foi quando mostrou essa busca por melhorias de condições de trabalho.

**Moderadora:** O que vocês acham da maneira como o vídeo aborda o tema que estamos conversando aqui?

Discentes ficam em silêncio

**Moderadora:** A maneira de abordagem do tema está boa ou vocês mudariam algo? O que acham?

**Discente A:** Ah, eu gostei da dinâmica do vídeo. Achei interessante e prende a atenção. Não prende de maneira ruim, prende de maneira boa.

**Moderadora:** Segura a atenção de quem está assistindo?

**Discente A:** Aham.

**Moderadora:** Vocês acham interessante a combinação da fala do historiador mais os elementos gráficos do tipo charge e vídeos que demonstram a época citada?

**Discente G:** Sim.

**Moderadora:** Vocês, apesar de terem expressado gostar do vídeo, incluiriam algum outro elemento gráfico?

---

<sup>27</sup> Cena exposta no minuto 4m15seg do vídeo “Histórias do Emprego e Relações de Trabalho no Mundo”.

**Discente G:** Pra mim o vídeo assim ficou muito legal.

**Moderadora:** Baseado no que viram em Sociologia, no primeiro ano, agora já indo para o segundo ano, vocês percebem acham que dá pra ligar algum conceito visto no primeiro ano com a importância que o trabalho tem no cotidiano dos indivíduos?

Todos os discentes ficam em silêncio.

**Moderadora:** Vocês lembram dos conteúdos vistos até semana passada em Sociologia?

**Discente A:** No vídeo, acho que aparece um pouco do senso comum. Acho que tem um pouco. E tem também o...

**Discente D:** Identidade.

**Discente A:** Eu ia dizer conhecimento científico, mas Identidade também tem.

**Moderadora:** Por que você acha isso, “Discente A”?

**Discente A:** Bom, porque o senso comum, tem a ver com a questão que já falei da pessoa que trabalha embarcada e tal entre outros trabalhos que as pessoas também acham que são fáceis. O conhecimento científico tá quando aparecem o historiador e a professora. A Identidade acho que foi quando apareceu nas questões das charges e tal, quando o historiador falou que quem criou o trabalho fomos nós mesmos. Então, isso é uma questão de identidade nossa mesmo, né? Eu acredito.

**Moderadora:** A maneira como se percebe o trabalho influencia na construção da identidade?

**Discente A:** Repete, por favor.

**Moderadora:** A maneira como os indivíduos percebem o trabalho molda a identidade deles?

**Discente A:** Você fala da questão do, por exemplo, do trabalho influenciar na nossa identidade?

**Moderadora:** Sim.

**Discente A:** Acredito que sim porque algumas pessoas elas buscam aquilo que vai ganhar melhor, mas têm outras pessoas vão atrás de algo que vai fazê-las felizes, né? Eu acredito sim que o trabalho pode influenciar, seja de uma percepção boa ou ruim. No meu caso, acredito que possa ser boa, né, no seu [refere-se ao fato da moderadora ser professora] também, no seu caso pode influenciar, pode não, com certeza influencia de uma forma boa, né.. E é isso.

**Moderadora:** Espero que sim.

**Discente D:** Não entendi a pergunta.

**Moderadora:** “Discente D”, a pergunta é se você, por exemplo, acha que a maneira como nós, brasileiros, vemos o trabalho é igual o americano vê essa questão? A nossa identidade construída socialmente modifica a maneira com a gente percebe o trabalho? Seja pelo modo de trabalhar, seja a quantidade de tempo que vamos dedicar ao trabalho, seja a importância

que a gente vai dar ao trabalho. Você acha que todos esses elementos têm a ver com a nossa identidade?

**Discente D:** Eu acho que sim.

**Moderadora:** Por quê?

**Discente D:** Bem, depende. Têm casos e casos. Têm pessoas que sim... Ah, eu acho que a maioria sim, né!? Porque quem não vai querer dar o máximo do seu trabalho, né.

**Moderadora:** “Dar o máximo” faz as pessoas dar menos atenção pra outras coisas?

**Discente D:** Bem, como a “Discente A” falou, igual o trabalho do pai dela que é muito puxado porque fica quinze dias fora e quinze dias dentro de casa, mas esse tempo que fica dentro de casa, dá pra dar uma atenção sim. Mas pode acontecer também dele estar dentro de casa e o pessoal do trabalho ligar e dizer “não, vem que eu preciso de você de novo”. Igual aconteceu com um amigo nosso, da nossa família, que ele estava de férias, tinha acabado de entrar de férias e, na primeira semana, a empresa chamou ele de novo e aí ele teve que ir, aí isso pode meio que prejudicar um pouco, né, mas aí a gente vai vendo da melhor forma pra ajustar o tempo.

**Moderadora:** Sua opinião então é que a gente, enquanto sociedade, dá muita importância ao trabalho?

**Discente D:** Bem, eu acho que aos dois, à família e ao trabalho.

**Moderadora:** E gasta-se muito tempo do cotidiano com o trabalho?

**Discente D:** No meu ponto de vista, sim. Na minha família, sim.

**Discente A:** Por conta dessa pandemia, o meu pai ficou sem embarcar na plataforma vinte e poucos dias, aí ele ficou esses vinte e poucos dias, aí a empresa em que ele trabalha está com poucas pessoas e também algumas pegaram COVID, aí perdeu mais pessoas ainda, aí estava precisando dele [o pai] na semana do aniversário da minha irmã. Como meu pai já é meio antigo nessa empresa, aí ele foi e pediu um pouco de descanso no dia do aniversário da minha irmã, aí o pessoal cedeu porque ele tinha ficado vinte e poucos dias lá na plataforma e ficou na base segunda, terça e quarta. Na quinta, era aniversário da minha irmã e ele foi de novo pra lá, mas realmente essa questão de, por exemplo, como “Discente D” falou, sobre “ah, têm poucas pessoas e têm outras pessoas fora da empresa precisando de trabalho porque estão desempregados e, por conta disso, eu preciso ir. Eu não posso faltar porque eu preciso do meu salário pra pagar as contas e comprar o necessário pra casa”... Então, eu acredito sim que a maioria da população, dê boa parte da sua vida para o trabalho, entre família e outras coisas, né?

**Moderadora:** Vocês acham que isso também influencia no fato da empresa demandar mais dos funcionários?

**Discente A:** Com certeza a empresa bota essa pressãozinha. Com certeza as pessoas que estão acima das pessoas que estão abaixo [pressionam] porque, às vezes, tem reunião lá e os

gerentes da empresa do meu pai, ou até mesmo as diretoras da minha mãe porque ela é auxiliar de ensino da prefeitura, né, e tem essa pressãozinha. Tem. Com certeza tem.

**Moderadora:** Sua mãe é da Educação?

**Discente A:** Sim, ela é. Ela trabalha com os pequenininhos.

**Discente D:** Nossa, tem que ter muita paciência, muita paciência. Nesse período que eu estava passando na casa da minha irmã, aí eu tinha que sentar com o meu sobrinho, eu tinha reservar três horas para ele “pegar” o conteúdo mesmo. E tinha dia que eu falava assim “quanto é um mais um”, aí ele “dois”, aí eu perguntava depois de cinco minutos e ele não sabia. Aí assim, três horas lá pra ele aprender. Tem que ter muita paciência.

**Discente G:** Tem que ter paciência mesmo, mas eu acho que trabalhar com criança é melhor que trabalhar com adolescente.

**Moderadora:** Não tem a ver com aptidão?

**Discente A:** Sim.

Os outros discentes ficam quietos.

**Moderadora:** De forma prática, qual é a importância que vocês acham que tem de estudar o conceito de trabalho? Tem importância? Não tem importância? O que vocês acham?

**Discente A:** Bom, é... Ih, eu esqueci a pergunta. Repete, por favor.

Nesse momento, a moderadora percebe que é hora de encaminhar para o fim porque os participantes já estavam cansados.

**Moderadora:** De forma prática, qual é a importância de estudar esse assunto? Tem importância?

**Discente A:** Ah, lembrei! Bom, no meu caso, eu acredito que tem importância sim porque é bom que a gente tem um certo conhecimento sobre, né, porque acredito que a maioria das pessoas que trabalham não sabem disso [os assuntos que abordaram sobre o tema durante a conversa] e nem vão saber mesmo. Pensam “ah, to aqui mesmo, vou ganhar o meu salário e é isso mesmo”, sabe? Só que aí eu acho importante porque a gente dá um certo valor a mais ao trabalho.

**Moderadora:** O trabalho influencia no cotidiano?

**Discente A:** Essa questão do trabalho influenciar no cotidiano, eu acho que vai de pessoa pra pessoa, né. Existem casos e casos porque em certas pessoas... É igual no meu caso, eu aprendi a tocar teclado com mais ou menos oito anos e há dois ou três meses eu comecei a dar aula de teclado, né. Então, isso partiu de mim porque eu fui criada de uma forma que o trabalho é essencial na nossa vida. Não mais que outras coisas, mas é essencial sim. Mas existem outras pessoas que dizem “ah, não quero trabalhar”, igual a mulher no vídeo que diz “deixa a vida me levar” e é isso que algumas pessoas fazem, né? “deixa a vida me levar que pra onde ela quiser me levar, eu to indo”.

**Moderadora:** “Discente D” e “Discente G”, vocês ainda estão aqui?

**Discente D:** Estou sim.

**Discente G:** Eu também.

**Moderadora:** Para encerrarmos, vou pedir que vocês façam rapidinho a única coisa que vou pedir pra vocês, assim...

**Discente D:** Que isso? Mais já? Nem começou!

Todos riem.

**Moderadora:** Isso que vou pedir pra vocês fazerem vai se a única colaboração que vou pedir pra vocês fazerem pra me entregar que é vocês elaborarem um texto de pelo menos 10 linhas que podem ser feitos à mão mesmo, tendo cuidado com a letra porque eu preciso ler e entender o que está escrito.

**Discente D:** Não pode fazer pelo computador, não?

**Moderadora:** Pode.

**Discente D:** Ah, obrigado.

**Moderadora:** Falei em manuscrito pra dar como opção porque poderiam achar que digitado daria mais trabalho pra vocês. Pelo computador, fica até melhor porque não corro o risco de não entender.

**Discente D:** É. Eu estava com medo disso.

**Moderadora:** Muito obrigada. Vou pedir pra vocês elaborarem um texto de pelo menos 10 linhas me explicando como você define o conceito de trabalho e como você percebe que esse conceito se manifesta no cotidiano. Mas, olha, não tem necessidade de pesquisar na internet porque, se você fizer isso, eu não vou ter o que eu preciso que é saber o que você acha sobre o que estou pesquisando. Entenderam?

**Discente D:** Sim, sim.

**Moderadora:** Pessoal, muito obrigada pela participação de vocês.

O grupo focal foi encerrado.

## **ANEXO DA TRANSCRIÇÃO DO GRUPO FOCAL: TEXTOS ELABORADOS PELOS DISCENTES**

### **Discente A:**

O trabalho se relacionando a economia se trata de algo que nos mesmo criamos. E ele é importante para a nossa sociedade. As pessoas trabalham de um modo geral para obter o seu capital. As mesmas trabalham por conta própria, com contrato de suas empresas ou servindo a sua rede pública.

Esse conceito se manifesta no nosso cotidiano de maioria boa, mas em pequenos casos, ruins. No caso bom é que a maioria das pessoas que compõe a nossa sociedade entende que precisam trabalhar para sustentar a sua família, pagar suas contas e alcançar seus objetivos por meio do dinheiro obtido com o seu trabalho. E nos menores casos que são os ruins, são as pessoas que desistem ou não querem trabalhar deixando a vida os levarem, como é retratado no vídeo que a professora passou para assistirmos falado por uma personagem sem nome no vídeo.

### **Discente D:**

Pelo meu ponto de vista o conceito de trabalho é quando uma pessoa que contrata outra pessoa ou outras para fazer determinada tarefa e ser remunerada justamente pelo serviço que foi feito , recebendo um salário digno pelo serviço que foi proposto e feito ! O trabalho é fruto de uma escassez na sociedade, ou seja, falta de um bem ou serviço em relação à sua necessidade, assim funciona o trabalho na vida da sociedade, quando há necessidade de algo, alguém procurar uma solução, assim contratando um serviço de alguém para determinada área, gerando empregos, assim gerando salários, assim gerando a escassez de querer mais e mais, por que nós seres humanos no fundo somos gananciosos, não gostamos de parar, sempre queremos avançar mais e mais . Mas também temos nossa vida social enquanto sociedade, famílias, amigos e etc...

Também gostamos de aproveitar a vida e com o nosso trabalho podemos fazer isso! Mas os chefes das grandes empresas não querem saber disso (não quero generalizar, temos exceções) querem que a sociedade trabalhe mais do que foi proposto no contrato, casos que eu já vi, amigo da minha família na 1ª semana de férias teve que voltar porque a empresa chamou e o medo de se recusar a voltar e perder a vaga de emprego? Essa pressão que é colocada em cima dos funcionários é muito grande e tem algumas pessoas que julgam outras falando que não gostam de trabalhar, temos o exemplo do presidente né!